



## «DA FÉ, O MÉTODO»

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE  
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2009



# «DA FÉ, O MÉTODO»

---

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE  
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



---

RÍMINI 2009

© 2009 Fraternità di Comunione e Liberazione

Tradução do Italiano de Maria Neófita Oliveira (Primeira e segunda meditação)  
e José Maria Almeida (Introdução, assembleia e demais). Revisão final: Juliana Perez.

Na capa: Barna de Siena, *Vocação de São Pedro*. Colegiada de San Gimignano (século XIV).

*Cidade do Vaticano, 20 de abril de 2009*

*Reverendo  
Padre Julián Carrón  
Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação*

*Por ocasião Exercícios Espirituais Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre tema “Da fé, o método”, Sumo Pontífice dirige aos numerosos participantes cordial saudação com garantia Sua espiritual companhia, e ao mesmo tempo augura que providencial encontro suscite renovada fidelidade a Cristo, para sempre maior empenho na obra de evangelização, invoca larga efusão favores celestes e de coração envia ao senhor e aos responsáveis Fraternidade e aos participantes especial bênção apostólica.*

***Cardeal Tarcisio Bertone**, Secretário de Estado de Sua Santidade*

# *Sexta-feira 24 de abril, noite*

*Na entrada e na saída:*

*Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto para piano e orquestra n. 23  
em Lá maior, KV 488*

*Wilhelm Kempff – Ferdinand Leitner – Bamberg Symphony Orchestra  
Deutsche Grammophon*

## ■ INTRODUÇÃO

**Julián Carrón.** Cada um de nós sabe das dificuldades que teve de enfrentar para estar aqui hoje. Essas dificuldades são a primeira expressão do nosso grito, da nossa súplica a Cristo.

Invoquemos o Espírito Santo, invoquemos a ajuda d’Ele para que leve a termo esta nossa tentativa, este nosso grito.

### *Ó Vinde Espírito*

Damos as boas-vindas a todos e saudamos os nossos amigos que estão conectados via satélite: 23 países ao vivo e, em seguida, outros quarenta, totalizando 63 nações. Pela primeira vez, Malta está ligada conosco ao vivo.

Começo este nosso encontro lendo o telegrama que o Santo Padre nos mandou.

“Por ocasião Exercícios Espirituais Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre tema *Da fé, o método*, Sumo Pontífice dirige aos numerosos participantes cordial saudação com garantia Sua espiritual companhia, e ao mesmo tempo augura que providencial encontro suscite renovada fidelidade a Cristo, para sempre maior empenho na obra de evangelização, invoca larga efusão favores celestes e de coração envia ao senhor e aos responsáveis Fraternidade e aos participantes especial bênção apostólica. Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado”.

1. “As circunstâncias pelas quais Deus nos faz passar são fator essencial e não secundário da nossa vocação, da missão a que Ele nos chama. Se o cristianismo é anúncio do fato de que o Mistério se encarnou num homem, a circunstância pela qual alguém toma posição a esse respeito,

frente a todo o mundo, é importante para a própria definição do testemunho<sup>1</sup>”.

Todos nós sabemos muito bem quais são as circunstâncias que nos desafiaram ao longo deste ano: a crise econômica, o terremoto no Abruzzo, as várias formas de dor que nos fizeram refletir (sobretudo o caso Eluana), ver o naufrágio de um mundo, diante dos nossos olhos, com leis que não sabem mais defender o bem da vida ou da família, o termos de viver cada vez mais a nossa vida “sem pátria”, as circunstâncias dramáticas pessoais e sociais – da doença às dificuldades, à perda do emprego, quando não a perda de tudo, como aconteceu com nossos amigos no Abruzzo. Por isso, diz-nos Dom Giussani, as circunstâncias pelas quais Deus nos faz passar “são fator essencial e não secundário da nossa vocação”. Portanto, para nós as circunstâncias não são neutras, não são coisas que acontecem e não têm significado algum; isto é, não são coisas que devemos apenas suportar estoicamente. São parte da nossa vocação, do modo como Deus, o Mistério bom, nos chama, nos desafia, nos educa. Para nós, essas circunstâncias têm todo o alcance de um chamado, por isso são parte do diálogo de cada um de nós com o Mistério presente.

Portanto – nos dizia Dom Giussani quinze anos atrás, na introdução aos Exercícios da Fraternidade de 1994 –, a vida é um diálogo.

“Não é tragédia, a vida: a tragédia é o que faz com que tudo termine no nada. A vida é, sim, drama: é dramática porque é relação entre o nosso eu e o Tu de Deus, o nosso eu que tem de seguir os passos que Deus aponta<sup>2</sup>”. É essa Presença, esse Tu, que transforma a circunstância, porque sem esse Tu tudo seria nada, seria a passagem para uma tragédia cada vez mais escura. Mas justamente porque existe esse Tu, a circunstância nos chama para Ele, é Ele quem nos chama por meio dela, é Ele quem nos chama para o destino por meio de tudo o que acontece. Nós não estamos imunes ao risco que Dom Giussani indicava anos atrás: viver a vida imersos na anestesia total criada pela nossa sociedade: “O verdadeiro perigo de nossa época, dizia Teilhard de Chardin, é a perda do gosto de viver. Ora, a perda do gosto de viver envolve o não sentimento de si, [...], a não afeição por si mesmo. Porém, seria preciso uma anestesia total para que um homem perca integralmente, inteiramente, o sentido do apego a si próprio e por isso uma, pelo menos embrionária,

<sup>1</sup> L. Giussani, *L'uomo e il suo destino*, Marietti, Gênova 1999, p. 63.

<sup>2</sup> L. Giussani, “*O tempo se faz breve*”, Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Rímimi, 1994.

emoção por si mesmo, uma preocupação consigo próprio; seria necessária uma anestesia total. O tipo de sociedade em que vivemos consegue injetar essas anestésias totais [e nós o sabemos bem, porque em muitas ocasiões ficamos como que entorpecidos na nossa distração, na fuga de nós mesmos, onde a coisa mais distante é essa afeição a si; basta pensar quando foi a última vez que cada um de nós (e digo primeiramente para mim mesmo) teve um instante verdadeiro de ternura por si próprio, sentiu vibrar dentro de si essa ternura por si mesmo], porém elas não podem ser permanentes. Até essas anestésias totais extremamente difusas – por isso é uma sociedade caracterizada totalmente pela alienação – têm um limite, não podem ser permanentes, e por isso o sofrimento [...] não é evitável. O sofrimento [...] indica a suspensão ou a ruptura ou o fim da anestesia total<sup>3</sup>”.

Por meio dessas circunstâncias o Mistério quer nos despertar dessa anestesia, nos educar para a consciência de nós mesmos, para a nossa verdade, nos despertar para a consciência a respeito de nós próprios, não nos deixa caminhar rumo ao nada, sem se preocupar conosco, por uma paixão pela nossa vida que é o sinal mais poderoso da ternura de Deus por nós. E como nos educa? Não através de um discurso, de uma reflexão – que muitas vezes não estamos dispostos a ouvir –, mas através da experiência do real, das circunstâncias; por meio delas Ele nos chama, nos sacode (“*Você não está percebendo?*”). Nós lemos na Escola de Comunidade: “A vida, você a aprende no concreto, não teoricamente<sup>4</sup>”, e um pedaço de realidade vale mais do que mil palavras. Então, amigos, as circunstâncias, os sofrimentos, as dificuldades, nos colocam diante da seriedade da vida, que tantas vezes nós gostaríamos de censurar.

“Normalmente na vida, para todas as pessoas, é sério o problema do dinheiro, é sério o problema dos filhos, é sério o problema do homem e da mulher, é sério o problema da saúde, é sério o problema político. Para o mundo, tudo é sério, exceto a vida. Não digo a vida – a vida como saúde é uma coisa séria, obviamente – mas ‘a vida’ [vocês precisariam sentir a vibração de Dom Giussani quando diz ‘a vida’; então, sentiriam toda a sua vibração pela paixão d’Ele por cada um de nós]. Porém, o que é ‘a vida’ mais do que a saúde, o dinheiro, o relacionamento entre homem e mulher, os filhos, o trabalho? O que é a vida mais do que essas

<sup>3</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, BUR, Milão 2008, pp. 292-293.

<sup>4</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, Companhia Ilimitada, São Paulo 2008, p. 202.



coisas? O que implica? A vida implica tudo isto, mas com um objetivo, com um significado<sup>5</sup>”.

E as circunstâncias nos desafiam a descobrir este significado.

2. O verdadeiro problema, então, não é a crise, não são essas circunstâncias mais ou menos dramáticas que nos afetam de um modo ou de outro, mas é como nós enfrentamos essas circunstâncias, como nos colocamos diante delas. Muitas vezes essas circunstâncias são a ocasião para percebermos como estamos deslocados, perdidos. Por quê? “A realidade da Igreja, como evento cotidiano em que se torna presente o Acontecimento original, nos põe hoje diante do mundo, não digo esquecendo, mas considerando pressuposto e óbvio – ao menos metodologicamente – o conteúdo dogmático do cristianismo, a sua ontologia, por isso, simplesmente, o acontecimento da fé<sup>6</sup>”. Conosco pode acontecer a mesma coisa: colocar-nos diante das circunstâncias, não digo esquecendo, mas considerando pressuposto, considerando algo óbvio o acontecimento da fé. E aí ficamos perdidos.

Justamente por isso, as circunstâncias que nos desafiam manifestam – como veremos nestes dias – o percurso feito neste ano, porque Dom Giussani nos ensina que a circunstância é o lugar em que a pessoa toma posição frente ao mundo, por seu modo de vivê-la. Para quem recebeu o anúncio cristão – “o Mistério se encarnou num homem<sup>7</sup>” – toda circunstância é a ocasião pela qual cada pessoa mostra a sua posição frente a esse anúncio, a esse fato.

Nós dizemos diante de todos o que Cristo é para nós pelo modo como vivemos as circunstâncias. Cada um pode olhar para si mesmo, pode surpreender-se em ação, porque cada um se move dentro dessas circunstâncias. Todos nos movemos, todos somos desafiados de um modo ou de outro por essas circunstâncias. Todos somos forçados a nos expor – ninguém é poupado – e assim nós dizemos o que significa para nós a vida, quem é Cristo para nós, o que prezamos acima de tudo, para além das nossas intenções. Digo para além das nossas intenções porque muitas vezes nós confundimos as intenções com a realidade. As intenções muitas vezes são justas, mas depois descobrimos que na realidade nós nos movemos segundo uma outra lógica. Por isso, pelo modo como nós enfrentamos os desafios das circunstâncias é que afirmamos de que lado estamos: “Aliás, pela forma como obtemos essa posição é que se compreende se

<sup>5</sup> *Ibidem*, pp. 123-124.

<sup>6</sup> L. Giussani, *L'uomo e il suo destino*, op. cit., pp. 63-64.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 63.

e o quanto vivemos a pertença, que é a raiz profunda de toda expressão cultural<sup>8</sup>". Isto é, nós dizemos a nós mesmos qual é a nossa cultura, o que e quem amamos e valorizamos mais, pelo modo como enfrentamos as circunstâncias. É diante dos verdadeiros desafios do viver que se coloca em evidência a consistência de uma posição cultural, a sua capacidade de ficar em pé diante de tudo, inclusive frente a um terremoto.

A esse respeito, recebemos um testemunho impressionante dos nossos amigos do Abruzzo, que assim escreveram nesses dias:

“Segunda-feira, 6 de abril, foi o dia da angústia. O primeiro passo que demos foi nos encontrarmos, nos reunirmos, e fazer as contas. Em seguida, o maravilhamento e a gratidão por termos sido todos preservados: o primeiro grande milagre. Logo depois nos colocamos à disposição, em todos os cantos da região, para atender às várias necessidades que ocorriam. Essa tentativa de abraçar, com todas as nossas imperfeições, os que estavam sofrendo, foi fundamental, porque através do simples relacionamento chegamos a descobrir, em meio às ruínas, fatos que não eram nada parecidos com destroços. A dinâmica da partilha tornou mais fácil descobrir inesperados e inimagináveis espetáculos de beleza humana, que imediatamente nos fizeram ver algo excepcional. Estava acontecendo algo grandioso. Justamente num momento em que se acreditava que nada podia acontecer. Justamente entre pessoas que pensávamos conhecer muito bem (nossas comunidades e a população de Áquila) emergiu uma comovente e imprevisível autoridade moral. Que podemos acompanhar. Em especial nos impressionaram Marco e sua esposa Daniela, que no dia seguinte ao terremoto decidiram estabelecer-se num trailer, em Áquila. Ontem à noite ficamos comovidos quando ele nos disse: ‘Aquilo de que o meu coração necessita está presente aqui! O terremoto tornou-o presente! Por entre as ruínas estão desabrochando flores. A flor não é uma emoção, é uma coisa presente. A flor são Gino e Grazia, é minha mulher, o trailer que nos doaram, a Via Crucis, este lugar de comunhão, ou Teresa, que depois de um ano e meio que foi embora, voltou para nos abraçar e dizer: foi preciso um terremoto para me fazer voltar! A flor é padre Eugenio, Ugo, Manlio e os outros amigos do *grupo da cerveja* e de Rímìni’. Um espetáculo contínuo de ressurreição, depois de uma semana de paixão. Seriam necessárias muitas páginas para contar os fatos que vimos, porque o terremoto fez emergir toda a nossa pobreza e nos fez lembrar de todas as vezes que colocamos nossa esperanças em coisas materiais, que agora o terremoto destruiu. E muitas páginas para narrar como Jesus está

---

<sup>8</sup> *Ivi.*

nos mostrando que está vivo entre nós. Vêm-nos as lágrimas quando Ele nos visita através da beleza incomparável de alguns de nós que julgávamos ‘normais’, ou até mesmo das ‘ruínas’. A unidade e a pertença à companhia são outro aspecto do milagre que estamos vendo. Quem poderia imaginar ver alguns de nós tomarem ao pé da letra o que dizemos! [Aqui, diante de circunstâncias tão dramáticas, se vê quem leva a sério o que dizemos.]. Ontem, Marco, referindo-se a um diálogo entre nós dois, disse: ‘Se parto de mim mesmo, consigo um, se parto dos outros, consigo cinco. Não sei por quê, mas funciona. Fazer parte ao ponto de se dissolver na unidade, vejo que isso faz renascer’. A evidência é que somos doidos como antes, mas Alguém nos une. Estamos nos reunindo com muita frequência e de várias maneiras. Não com o desejo de erguer as casas ou a região (que podem ruir de novo a qualquer momento), mas com um desejo novo: poder usufruir do fascínio de Cristo, que reconstrói a Seu modo, e não abandoná-Lo. A terra continua a tremer, acrescentando o medo à dor. Temos a tentação de virar a página dizendo: ‘Esperamos que essas coisas terminem logo, para podermos pelo menos recomeçar’. Apesar disso, Ele está fazendo novas todas as coisas. Diz a Escola de Comunidade: ‘Os inimigos da fidelidade, os inimigos mais importantes são o cansaço e a dor’. Nós nos deparamos com esses inimigos todos os dias, e às vezes eles nos derrotam. Que o Senhor nos perdoe. Que vocês todos, junto com Carrón, possam nos perdoar. Dando a vossa vida para nos fazer permanecer em Cristo”.

Quem não desejaria uma amizade como essa? Amigos que pedem para que demos a vida para eles permanecerem em Cristo.

Os amigos chegam de todas as partes, até de Uganda. Escreve-me Rose:

“Li para as cem mulheres do Meeting Point de Kireka, bairro de Kampala (onde as mulheres quebram pedras para ganhar alguns trocados), na quinta-feira após o terremoto, o panfleto do Movimento. Em língua acioli, me disseram: ‘São os nossos, desta vez os nossos foram atingidos. Precisamos fazer alguma coisa’. Perguntaram-me se havia alguma maneira de ajudá-los, de chegar até lá de ônibus. Os jornais contavam que ainda havia pessoas sob os escombros, e elas queriam ir até lá para quebrar o concreto e retirar os corpos. Eu disse a elas que era impossível porque Abruzzo ficava muito longe, e o único meio de transporte era o avião. E elas disseram: ‘Precisamos fazer algo, porque é nossa gente, pelo menos enviar alguma coisa para mostrar que são do nosso povo, que nos pertencemos’. Uma delas disse: ‘São pessoas da tribo de Dom Giussani’. Estavam tão tocadas,

que quando eu estava indo embora me deram o equivalente a R\$ 750,00, uma cifra altíssima para elas. E me disseram para encaminhar o dinheiro depressa, se fosse possível, talvez pagar alguém para ajudar a tirar as pessoas dos escombros. Naquele dia, não fizemos as atividades – bijuterias, dança, futebol – porque as mulheres queriam saber dos fatos. Conversamos e, quando descobriram que eram italianos, disseram que eram da tribo de Dom Giussani, a mesma que a ‘nossa’. Elas se consideram da tribo de Dom Giussani. Ainda estão arrecadando dinheiro. Sempre me perguntam sobre nossos amigos porque não sabem muito bem onde fica Abruzzo, acham que toda a Itália está envolvida no terremoto e, portanto, seus amigos. Agora, querem escrever uma carta. É realmente uma comoção, é realmente verdade que a fé tem um método. Quando se está imerso no Mistério não é possível não se dar conta daquilo que existe e comover-se. Essas mulheres me desafiam, a ponto de me comoverem. Elas não se movem porque o Movimento enviou um panfleto ou por causa de uma indicação, elas se comovem, então, se movem. Se o coração está comovido, nos movemos.”

Quem não gostaria de ter vibrado assim? Quem não gostaria de vibrar assim? Ao ouvir isso, quem pode evitar (eu, não!) de sentir vergonha por estarmos tão distantes dessa experiência que vem dos nossos amigos do último canto do mundo?

Rose anexou também uma carta de Alice:

“Cara Rose, alguém me abriu os olhos e me fez descobrir quem eu sou. Tão preciosa e amada. Posso dizer que somos da tribo de Dom Giussani e do Papa, que nos amaram e seguramente dariam e deram tudo pela nossa vida, foi isto o que aprendemos. Aqueles que estão sofrendo por causa do terremoto são da nossa tribo, quero enviar o que o meu coração sente e meu amor por eles, minha contribuição é um sinal disto. Você sabe, Rose, que uma pessoa que nunca experimentou o amor não pode entender o que nós sentimos por essas pessoas. Porque o amor é o movimento do coração que ninguém pode explicar. As pessoas que não amam podem responder apenas de maneira mecânica, no entanto, é uma coisa muito grande o fato de que alguém tenha se movido por você e chore com você, como aconteceu conosco. Diga àquelas pessoas, se puder, que nós as amamos e pertencemos a elas. Nós sentimos sua dor porque é algo pelo qual nós já passamos. Que Deus possa estar com elas neste momento de dificuldade, as proteja e as console por parte nossa. Alice”<sup>9</sup>”.

<sup>9</sup> Meeting Point de Kireka, bairro de Kampala.

Por isso, no início desse nosso gesto dos Exercícios, sentimos a urgência de uma conversão. Neste começo, podemos ter as duas atitudes, os dois tipos de atitude que Dom Giussani descortinava naqueles que começavam a seguir Jesus:

“De um lado, havia aqueles que já tinham a solução das coisas no bolso, ou pelo menos já sabiam quais eram os instrumentos para enfrentar o problema do homem e do povo (os escribas e os fariseus), e com eles todo o povo que participava do espírito dessa atitude. Imaginem qual era a sua postura ao ouvir Jesus; justamente como pedras sobre as quais caíam inutilmente as suas palavras ou como pedras que contradiziam aquelas palavras, ceticamente ou com uma dialética radicalmente oposta: a pedra dessa atitude recusava a oferta do discurso, contradizia-o ou deixava-o de lado. Por outro lado, tentemos imaginar o outro povo, os pobres; não porque não possuíssem nada – Nicodemos e tantos outros não eram pobres, nota o Evangelho – mas pobres de coração, que iam ouvi-lo porque *jamais alguém falou como este homem fala!*, isto é, porque eram, se sentiam animados, tocados, renovados na afeição por si mesmos, em sua humanidade, no sentimento da própria humanidade. Essa gente o seguia [...] e esquecia até de se alimentar. E qual era o primeiro fator que definia esse fenômeno? *Jesus Cristo?* Não! O primeiro fator a definir esse fenômeno é que eram pobres, pessoas que sentiam [...] a piedade [d’Ele] em relação a elas, era gente que sentia fome e sede – como Ele dirá nas bem-aventuranças. Fome e sede significam o quê? Ter fome e sede de *justiça* [...] significa desejar a realização da própria humanidade, o emergir do sentimento verdadeiro da própria humanidade. [...] A pessoa, para desejar, para ter fome e sede de realização da própria humanidade, precisar ouvir a si próprio, sentir a própria humanidade<sup>10</sup>”.

Começamos este gesto com a consciência da nossa necessidade. Começamos como pessoas necessitadas: decididos, por esta coincidência com nós próprios e com a nossa necessidade, a estar abertos a tudo o que nosso gesto implica. Porque é como uma súplica o sacrifício que fazemos para construir este gesto. Do silêncio às dificuldades dos deslocamentos, tudo faz parte desse nosso grito, dessa nossa pobreza, a fim de que o Senhor tenha piedade de nós.

<sup>10</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria* (1982-1983), op. cit., pp. 293-294.

## **SANTA MISSA**

### **HOMILIA DO PADRE MICHELE BERCHI**

Há dois mil anos, como hoje, participamos do mesmo acontecimento tornado maior, tornado mais verdadeiro; e há dois mil anos, como hoje, Jesus desafia-nos: onde podemos comprar o pão para que estes tenham o que comer? Jesus desafia todos os nossos cálculos, todas as nossas imagens, toda a nossa anestesia, toda a nossa dureza de coração, toda a falta de esperança.

Há dois mil anos, como hoje, Jesus, nestes três dias, em todos os dias da nossa vida, desafia-nos, e este desafio é a nossa salvação, é a ternura para com o nosso coração para que se rompa a nossa medida, para que a nossa medida se converta na Sua medida, porque muito mais, infinitamente melhor do que o pão multiplicado, é poder participar no grande acontecimento do milagre da Sua presença.

Que a nossa vida, o nosso nada, possa ser instrumento desta Sua explosiva presença. É isto que pedimos a Nossa Senhora para estes três dias, assim como para todos os dias da nossa vida: que o nosso nada sirva à Tua presença no mundo, Senhor.

# *Sábado, 25 de abril, manhã*

*Na entrada e na saída:*

*Wolfgang Amadeus Mozart, Sinfonia n. 38 em ré maior, K504 “Praga”,*

*Wiener Philharmoniker – Karl Böhm*

*Deutsche Grammophon*

**Padre Pino.** O que é a vida? A vida é um diálogo, não é uma tragédia. A tragédia é o que faz com que tudo acabe no nada. A vida é dramática porque é relação entre o nosso eu e o Tu de Deus, o nosso eu que deve seguir os passos que Deus indica.

*Ângelus*

*Laudes*

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

**Julián Carrón**

***“Nós cremos e reconhecemos que  
tu és o Santo de Deus”***

*(Jo 6,69)*

## **1. “O desmoronamento de velhas certezas religiosas”**

### ***a) A separação entre saber e crer***

O contexto no qual nos encontramos a enfrentar os desafios de que falávamos ontem à noite é o do desmoronamento das velhas certezas religiosas.

Em seu livro *Fé, verdade, tolerância*, o então cardeal Ratzinger relata um episódio – narrado por Werner Heisenberg – muito significativo, acontecido em Bruxelas no âmbito de uma discussão entre cientistas.

“Ali se disse que Einstein falava frequentemente de Deus, e Max Planck era de opinião que não havia nenhuma contradição entre ciências naturais e religião [...]. Heisenberg [...] tinha por certo tratar-se de

duas esferas totalmente diferentes que não estavam em competição uma com a outra. Nas ciências da natureza estava em causa o certo e o errado; na religião, o bem e o mal, o valor e o não-valor. [...] ‘As ciências naturais são, de certo modo, a maneira como encaramos o lado objetivo da realidade [...] A fé religiosa, ao contrário, é a expressão de uma decisão subjetiva, com a qual fixamos os valores que hão de guiar a nossa vida’. Nessa altura, acrescenta Heisenberg: ‘Devo confessar que não me sinto bem com essa separação. Duvido que as comunidades humanas possam conviver longamente com essa rigorosa separação entre crer e saber’. Então Wolfgang Pauli toma o fio do colóquio, acentua a dúvida de Heisenberg, erigindo-a em certeza: ‘A completa separação entre saber e crer é certamente um recurso provisório por um tempo bem limitado. No âmbito cultural ocidental, por exemplo, poder-se-ia chegar, num futuro não remoto, a um tempo onde os símbolos e as imagens das religiões atuais não possuíssem mais força convincente, nem mesmo para o povo simples; nessa altura, receio eu, também a ética habitual ruiria em pouco tempo e aconteceriam coisas de um horror tal que nós não podemos agora fazer idéia alguma’”.<sup>11</sup>

Era o ano de 1927. O que aconteceu depois todos nós sabemos. Continua Ratzinger:

“Na nova situação do pós-guerra, estava viva a confiança de que isso nunca mais poderia acontecer. A Constituição da República Federal Alemã de então, adotada num espírito de ‘responsabilidade perante Deus’, pretendia ser expressão do vínculo do direito e da política com os grandes imperativos morais da fé bíblica. A confiança de então empalidece hoje ante a crise moral da humanidade, que assume formas novas e ameaçadoras. O desmoronamento de velhas certezas religiosas que, há 70 anos, parecia ainda poder ser evitado, tornou-se, entretanto, em grande parte realidade” [e ele dizia isso quinze anos atrás; imaginemos agora...].<sup>12</sup>

Esta é a situação em que nos encontramos a enfrentar os desafios da realidade: o desmoronamento das certezas religiosas. Mas essa separação entre saber e crer tem uma origem ainda mais distante:

“O Iluminismo havia elevado como bandeira o ideal da ‘religião dentro dos limites da simples razão’. Mas essa religião puramente ra-

---

<sup>11</sup> J. Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. Tradução de Sivar Hoepfner Ferreira. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2007, p. 129-130.

<sup>12</sup> J. Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, op.cit., p.130-131.



cional se despedaçou rapidamente e, sobretudo, não possuía nenhum vigor para sustentar a vida. [...] Procurou-se, então, depois do fim do Iluminismo, [...] um novo espaço para a religião [...]. Por isso, atribuiu-se à religião o ‘sentimento’ como seu setor particular no conjunto da existência humana. Schleiermacher foi o grande teórico dessa nova concepção de religião, que ele definia assim: ‘Práxis é arte, especulação é ciência, religião é sentido e gosto pelo infinito’. Tornou-se clássica a resposta de Fausto à pergunta de Margarida sobre a religião: ‘O sentimento é tudo. O nome é ruído e fumaça...’<sup>13</sup>

A nítida separação entre saber e crer, entre conhecimento e fé, é uma síntese das decisões que atravessam e caracterizam a época moderna. Tal separação define – como vimos –, de um lado, uma esfera de saber em que domina uma concepção racionalista da razão (uma razão como “medida do real”<sup>14</sup>, denominava Dom Giussani), que nada tem a ver com a questão do significado último da vida, com o Mistério e com a fé; e, de outro lado e de forma correspondente, uma esfera do crer entendido como âmbito não racional, do sentimento, de decisões subjetivas acerca dos valores, em que está confinado todo o fenômeno religioso. O crer, portanto, encontra-se em drástica oposição a um saber concebido de forma racionalista.

### ***b) “Arrancar do humano a hipótese da fé cristã”***

Mas existe ainda algo que para nós é crucial. Junto a essa recondução de toda a experiência religiosa à esfera do sentimento, sucede uma outra, mais insidiosa, denunciada diversas vezes por Dom Giussani: a recondução da fé cristã (“reconhecer como verdadeiro aquilo que uma Presença histórica diz de si”)<sup>15</sup> à dinâmica do senso religioso e da religiosidade (“pedido de totalidade constitutiva da nossa razão presente em cada ação”).<sup>16</sup> “Para o homem moderno, a ‘fé’ nada mais seria genericamente que um aspecto da ‘religiosidade’, um tipo de sentimento com o qual viver a irrequieta busca da própria origem e do próprio destino, que é justamente o elemento mais sugestivo de toda ‘religião’. Toda a consciência moderna se agita para arrancar [esta é a questão] do homem a hipótese da fé cristã e para reconduzi-la à dinâmica do senso

<sup>13</sup> J. Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, op.cit., p.132.

<sup>14</sup> L. Giussani, *O senso religioso*. Tradução de Paulo Afonso E. de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 200.

<sup>15</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milano: Rizzoli, 1998, p.22.

<sup>16</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op.cit., p. 21.

religioso e ao conceito de religiosidade, e essa confusão penetra, infelizmente, também na mentalidade do povo cristão”.<sup>17</sup>

Que essa mutilação da hipótese cristã tenha acontecido, vê-se pelo fato de que a grande maioria do povo cristão enfrenta a realidade sem ter diante dos olhos a tradição cristã, isto é, sem viver plenamente a memória. Não é mais essa tradição o critério com o qual entrar na realidade, não é mais o ponto de partida. Percebi a impressão que me causava ouvir de novo recentemente, na Liturgia, o relato da Criação. Eu já o terei escutado muitíssimas vezes, e de novo me marcava o tipo de companhia e de educação que a Igreja realizou com as pessoas. E isso hoje falta. Vimos em tantas ocasiões durante este ano: o que antes era normal – pessoas que percebem que a realidade tem em sua origem um rosto bom, um Pai – tornou-se quase uma exceção.

Exatamente nesse contexto podemos entender todo o alcance da tentativa de Dom Giussani, que aceitou o desafio desse modo de conceber que descrevemos. O Movimento nasceu respondendo a esse desafio desde a primeira hora da aula de religião no Berchet, quando um aluno lhe disse que fé e razão não tinham nada a ver uma com a outra. Dom Giussani jamais aceitou a redução da fé a sentimento, nem da razão a medida, e isso gerou uma modalidade de viver a experiência cristã que a fez tornar-se interessante para nós, quando a encontramos. Na nossa vida, essa tradição, que em muitos desapareceu, tornou-se novamente interessante graças ao encontro cristão com o Movimento. Do contrário, nós também estaríamos como tantos contemporâneos nossos, perdidos.

## **2. Um desmoronamento que diz respeito a nós**

Como sempre nos ensinou Dom Giussani, uma pessoa não pode viver numa situação sem ser influenciada por ela. Por isso muitas vezes nos surpreendemos reagindo como todos. Como se percebe isso?

A realidade é o lugar da verificação da fé. Por isso, nos acontecimentos que tivemos de enfrentar neste ano, o ponto crucial e dramático que apareceu continuamente foi a questão da fé e o nexa entre a fé e a esperança. O confronto com o capítulo sobre a esperança<sup>18</sup> trouxe à tona

<sup>17</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op.cit., p. 22.

<sup>18</sup> Cf. L. Giussani, *È possível viver assim?* Tradução de Neófito Oliveira e Francesco Tremolada, 2ª. edição. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, p. 147-210.

uma fragilidade com relação à fé, que aparece em primeiro lugar como dificuldade em olhar para a experiência que se vive, como fraqueza de juízo, como reticência para fazer aquele percurso de conhecimento que certos acontecimentos e certos fatos que nos tocam profundamente exigem. Existem inúmeros exemplos que comprovam isso. Cito um, a partir de uma carta que me foi escrita:

“A Escola de Comunidade sobre esperança entrou na minha vida como uma pedrada. Até antes do Natal a vida andava bem. Eu estava casado há mais de um ano. Em abril, nasceu minha primeira filha, lindíssima, tenho um trabalho pelo qual sou apaixonado, ajudava os professores nos colegiais, fazia muitíssimas coisas. Depois, antes do Natal, aconteceu algo [e me fala de uma situação que o derrubou...]. Dominavam a insatisfação e a tristeza. Eu me perguntava: pelo quê eu me consumo todos os dias? E me vinham à mente as suas palavras, quando você diz que a nossa fé tem um prazo de validade. Depois de alguns anos passados vivendo como um bom ‘cielino’, eu me achava com a fé vacilante, não apoiada em nada, portanto o futuro era todo uma névoa”.

E nós dizemos essas coisas depois de termos estado todos diante de uma proposta. No ano passado, fizemos todo o percurso na Escola de Comunidade, e também nos Exercícios: a fé como método de conhecimento. Eu sou testemunha de que muitos de vocês trabalharam seriamente, mas, quando a realidade aperta, o que domina é o que acabamos de escutar: tudo desaparece. Como dizia Franco Nembrini, juntando todas as contribuições recebidas durante o meu encontro com os professores das escolas:

“É uma avalanche de bem, de verdade, de iniciativas, mas também de certeza. Muitos desses relatos, é verdade, falam de um milagre presente, e não como visionários; mas é como se, no fundo, sofressem de uma incerteza [...]. É quase como se, na manhã seguinte, pudéssemos nos levantar e a evidência da experiência que fizemos evaporasse, pudesse desaparecer no ar”.<sup>19</sup>

E assim prevalece a confusão. Como se todo o percurso feito sobre a fé como método de conhecimento desaparecesse de uma só vez. Isso nos torna conscientes, amigos, da longa marcha que ainda é preciso percorrer, e nos testemunha que estamos na situação de todos. E praticamos três graves reduções.

---

<sup>19</sup> J. Carrón. “O que de verdade nos introduz no real? Um fato presente”, encontro de padre Julián Carrón com os professores de Comunhão e Libertação, no dia 15 de março de 2009 em Milão. Traduzido por Durval Cordas.

### **a) Redução da fé a senso religioso**

Antes de mais nada, a redução da fé a senso religioso. Muitas vezes entre nós o cristianismo é reduzido ao senso religioso. Na nossa vida cotidiana isto se traduz no fato de que a fé é vivida como uma das tantas hipóteses que podemos formular para enfrentar as situações, como se não tivesse acontecido nada e estivéssemos sempre no começo diante do desconhecido: eu, com o meu senso religioso, procurando às cegas construir o nexos com esse desconhecido. E como se percebe isso? Eu poderia contar vários episódios, um após o outro: percebe-se pelo fato de que o ponto de partida para enfrentar o dia não é algo conhecido com certeza, e a razão oculta é que esse algo não nos parece suficientemente real a ponto de não ser negligenciado. Nós nos surpreendemos por ser uma hipótese que sequer passa pela nossa cabeça: passam pela nossa cabeça todas as outras possibilidades, antes da fé. Por quê? Porque a fé não equivale a verdadeiro conhecimento. Eis o “desmoronamento das velhas certezas”. Qualquer coisa nos parece mais real do que a Presença reconhecida pela fé. A incerteza e a fragilidade são a inevitável consequência da separação entre conhecimento e fé. Então, em vez de se partir de uma Presença encontrada e amada, parte-se de uma ausência, do desconhecido. É totalmente o contrário para a pessoa para a qual a fé é verdadeiro conhecimento, é conhecimento de algo real! Com efeito, Dom Giussani afirma que “o primeiro gesto de piedade para com você mesmo, a primeira expressão do amor pela sua origem, pelo seu caminho e pelo seu destino [...] é [...] confessar esse Outro [que você reconheceu com a fé]”.<sup>20</sup> Este é o primeiro gesto de piedade, antes de qualquer coerência.

É visível quando se parte de algo conhecido com certeza. Como me escreve essa moça:

“Acontecem tantas coisas, coisas bonitas, que me comovem, e coisas menos bonitas, dolorosas que, ao contrário, me ferem, mas eu tenho nas mãos um tesouro que é uma coisa de louco pois tenho a possibilidade de olhar para tudo, de entrar em tudo. Primeiramente, de olhar, que não é óbvio, de olhar tudo de uma forma diferente, diferente e que dá respiro em relação a todo o resto do mundo”.

Uma observação: embora aconteça essa redução, isto não nos impede de continuar a usar as palavras cristãs nem de participar de certos gestos cristãos, mas é como se tudo adquirisse um outro significado.

---

<sup>20</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 270.

### **b) Redução da fé a sentimento**

A segunda redução é a da fé a sentimento. Também entre nós pode-se afirmar essa concepção sentimental ou emocional da fé, onde o crer, em vez de um reconhecimento da Presença encontrada, torna-se um “salto”, um ato irracional, um ato da vontade sem fundamento, no qual, no fim, é a fé que gera o fato e não o contrário. Rudolf Bultmann – o exegeta que dizia que é a fé que gera o cristianismo – não está tão distante da nossa vida. Vejam que virada! Numa concepção sentimental da fé, é a força do sentimento, é a “vontade de verdade”<sup>21</sup> – estamos em má situação! – que cria o seu objeto. Como escreveu um estudante “de esquerda” num panfleto dos nossos amigos universitários: “Isso que vocês dizem é uma evidência ou uma crença?”. Muitas vezes para nós não é conhecimento verdadeiro, mas é uma crença: a fé pertenceria a uma crença que não tem nada a ver com o conhecimento, com o uso da razão. Exatamente a primeira objeção feita a Dom Giussani na primeira hora de aula de religião! Nada de fé como método de conhecimento! E isso acontece depois de um ano de Escola de Comunidade sobre a fé! Então, quando se fala de Cristo, do objeto da fé, não se fala de realidade, portanto a razão não é envolvida, e por isso não nos vem à mente para enfrentar o desafio da vida. Não consideramos como real o conteúdo da fé: a fé é reduzida a sentimento.

### **c) Redução do cristianismo a ética ou cultura**

Finalmente, a terceira redução é a da fé a ética. O que resta são alguns valores da cultura cristã ou alguma regra da ética cristã. Nos surpreendemos muitas vezes neste ano defendendo esses valores, mas sem a necessidade de falar d’Ele, da Presença reconhecida e amada. Defende-se a vida, mas quem de nós conseguiria ficar frente a um drama como o de Eluana só defendendo a vida? Quem de nós, se não fosse a companhia de Alguém presente, reconhecido e amado? Se não houvesse a “carícia do Nazareno”, quem teria condições de ficar frente a um drama como esse?! Se não existe essa Presença, nós desmoronamos por primeiro. Nós respiramos – dentro e fora da Igreja – essa redução, a fé reduzida a uma determinada visão do mundo e da vida, a uma moral ou a um conjunto de valores que, como tal, pode ser estimada ou combatida: existe quem, como os cristãos ou certos leigos, a sustenta, e quem a combate em nome do princípio de autodeterminação radical do indivíduo.

<sup>21</sup> E. Severino, *La buona fede*. Milano: Rizzoli, 1999, p.120.

O cristianismo dos valores é uma tentação a que nós não somos estranhos. É o que Dom Giussani denunciava já em 1982, quando dizia amargamente aos responsáveis dos universitários que “é como se o Movimento de Comunhão e Libertação, de 1970 em diante, tivesse trabalhado, construído e lutado pelos valores que Cristo trouxe, enquanto o fato de Cristo [...] ‘tivesse ficado como algo paralelo’”<sup>22</sup>. Mas um cristianismo assim é insuficiente para sustentar a vida, e tão logo a vida se complica, a incerteza predomina.

### 3. A irredutibilidade de um fato

Perguntava-se Ratzinger:

“Por que a fé continua sendo ainda uma oportunidade [também para nós]? Eu diria: porque ela corresponde à natureza do homem. [...] No homem vive indelével o anseio do infinito. Nenhuma das respostas dadas foi suficiente: apenas o Deus que se fez a si mesmo finito, para romper a nossa finitude e nos conduzir à imensidade da sua infinitude, responde ao questionamento do nosso ser. Por isso, hoje, a fé cristã recuperará o homem.”<sup>23</sup>

Por que todas essas reduções não predominaram em nós? Nós sabemos bem: porque o Fato que encontramos é – graças a Deus, literalmente – absolutamente irredutível. Não somos capazes de apagá-lo. Nós, hoje – não no passado, hoje! – estamos diante de um fato absolutamente irredutível, cheio de testemunhas, e isso é o sinal mais evidente de que o Mistério continua a ter piedade de nós.

Existe um trecho em *É possível viver assim?* – conhecido de todos – que tem um grande alcance, pois contém toda a originalidade e a racionalidade da fé, toda a sua diferença de um sentimento religioso, de um crer oposto ao conhecer:

“Qual é a primeira característica da fé em Cristo? Para André e João, qual foi a primeira característica da fé que tiveram em Jesus? [...] A primeira característica é um fato! Qual é a primeira característica do conhecimento? É o impacto da consciência com uma realidade”.<sup>24</sup>

O fato que continua a desafiar cada um de nós é o ponto de partida pelo qual mais uma vez voltamos aqui neste ano: o pressentimento de

<sup>22</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 56.

<sup>23</sup> J. Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, op.cit., p.128.

<sup>24</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?* op.cit., p. 41.

uma correspondência que não podemos tirar de nós, porque é o deparar-se com uma diversidade humana:

“O acontecimento de Cristo se faz presente ‘hoje’ num fenômeno de humanidade diferente: um homem se depara com esse fenômeno e reconhece aí um pressentimento novo de vida [...]. Esse deparar-se da pessoa com uma diversidade humana é algo *extremamente simples*, absolutamente elementar, que *vem antes* de tudo, de qualquer catequese, reflexão ou desenvolvimento: é algo que não precisa ser explicado, mas *tão-somente visto*, interceptado, que suscita um maravilhamento, desperta uma emoção, constitui um chamado, move a seguir, por sua correspondência à espera estrutural do coração”<sup>25</sup>

Sem essa contemporaneidade da Sua presença no fenômeno de uma humanidade diferente, não seria possível a fé cristã. E a contemporaneidade de Cristo hoje é esse fato de humanidade diferente – que muitos de vocês me testemunham –, fato que desafia a minha razão e a minha liberdade.

Mas por que – se é tão evidente esse testemunho, se estamos rodeados por tão grande quantidade de testemunhas –, por que depois de pouco tempo ficamos de novo perdidos, presos no nosso sentimento, sufocados na circunstância?

O que falta hoje entre nós não é a Presença (estamos rodeados por sinais, por testemunhas!); falta o humano. Se a humanidade não entra em jogo, o caminho do conhecimento para. Amigos, não falta a Presença, falta o percurso, falta que nós nos decidamos a fazer todo o percurso da fé como nos foi anunciado, porque dessa situação, desse contexto em que vivemos a fé (que incide sobre nós muito mais do que tenhamos consciência disso), nós não podemos sair automaticamente, esquentando a cadeira, sem um trabalho. “É uma escravidão da qual não nos libertamos automaticamente, mas com uma ascese [...]: a ascese é uma aplicação que o homem faz de suas energias num trabalho sobre si mesmo, no âmbito da inteligência e da vontade”<sup>26</sup>

A experiência feita nesses anos nos torna conscientes de que não basta repetir certas frases de Dom Giussani – reduzindo assim a sua pessoa a um catálogo de discursos – ou participar de momentos bonitos. É preciso empenhar-se seriamente num caminho, num trabalho, e o desafio perante quem encontramos é levar a sério ou não a proposta que nos fez Dom Giussani. Vamos parar de brincar conosco! Poucos lugares

<sup>25</sup> L. Giussani, “Algo que vem antes”, em *Passos-Litterae Communionis*, dezembro 2008, p.1-2.

<sup>26</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 126.

na Igreja de Deus tiveram a coragem de aceitar o desafio dos tempos modernos como fez a experiência nascida de Dom Giussani. Mas nós muitas vezes a reduzimos a uma série de iniciativas, a participar de certos gestos, mas sem fazer um caminho humano, ou seja, da razão e da liberdade: levamos um pouco “na esportiva”, quase não realmente conscientes da situação dramática em que nos encontramos, que, ao invés, requer todo o empenho da nossa pessoa para a verificação. Exatamente ele já tinha nos dito há muitos anos:

“Se o Movimento não é uma aventura para si e não é o fenômeno de um dilatar-se do coração, então vira partido [...] que pode ser sobrecarregado de projetos [que não faltam entre nós], mas no qual cada pessoa está fadada a ficar sempre mais tragicamente só [junto, mas só!] e a ser definida de forma individualista”.<sup>27</sup>

Qual é o percurso que falta, qual a aventura?

### **a) Percurso da fé**

Quero de novo ressaltar dois aspectos do percurso da fé que considero decisivos.

#### **1) Correspondência**

A primeira dificuldade que vejo é que nos falta a consciência daquilo que chamamos de “correspondência”, que é a palavra mais confusa de todo o vocabulário “cielino”. Vejam que Dom Giussani adverte que “o motivo pelo qual as pessoas não crêem mais ou crêem sem crer (reduzem o crer a uma participação formal, ritualista, a gestos, ou a um moralismo) é porque não vivem a própria humanidade [falta o humano], não estão empenhadas com sua própria humanidade, com a sua própria sensibilidade, com a sua própria consciência, e portanto com a sua própria humanidade”.<sup>28</sup> “Ou seja, o empenho no caminho humano é condição para que estejamos alerta quando Cristo nos oferece o seu encontro”.<sup>29</sup>

Quando falta o empenho da nossa humanidade, o resultado é isso que ele descreve numa palestra em Chieti, em novembro de 1985: “Nós, cristãos, no clima moderno, fomos separados não das fórmulas cristãs, diretamente, não dos ritos cristãos, diretamente, não das leis do decálogo cristão, diretamente. Fomos separados do fundamento humano,

<sup>27</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 204.

<sup>28</sup> L. Giussani, *Vivendo nella carne*. Milano: BUR, 1998, p. 66.

<sup>29</sup> L. Giussani, *Vivendo nella carne*, op.cit. p.65.



do senso religioso [do nosso humano]. Temos uma fé que não é mais religiosa. Temos uma fé que não responde mais como deveria ao sentimento religioso; ou seja, temos uma fé não consciente, uma fé não mais inteligente de si. Dizia um velho autor, Reinhold Niebuhr: ‘Não há nada de mais inconcebível do que a resposta para um problema que não se coloca’. Cristo é a resposta ao problema, à sede e à fome que o homem tem da verdade, da felicidade, da beleza e do amor, da justiça, do significado último. Se isto não é vivo em nós, se essa exigência não é educada em nós, para que serve Cristo? Isto é, para que servem a missa, a confissão, as orações, o catecismo, a Igreja, padres e Papa? São tratados ainda com certo respeito conforme as áreas de vida do mundo, são conservados por um certo período de tempo por força da inércia mas não são mais respostas a uma pergunta, portanto não têm mais uma longa sobrevivência [tem um prazo de validade, justamente]. [...] Assim o cristianismo se tornou Palavra, palavras”.<sup>30</sup> Falação...

Ratzinger já tinha percebido a importância disso há muitos anos: “A crise da pregação cristã, que experimentamos em crescente medida, há um século, depende em muito do fato de que as respostas cristãs negligenciam as interrogações do homem; elas eram justas e continuavam a permanecer como tais; porém não tiveram influência na medida em que não partiram do problema e não foram desenvolvidas no interior dele. Por isso é um componente essencial da própria pregação o tomar parte da busca do homem, pois só assim a palavra (*Wort*) pode fazer-se resposta (*Ant-wort*)”.<sup>31</sup>

Esta é a decisão que cada um de nós precisa tomar: ou tomar parte da aventura do conhecimento, levando a sério as próprias perguntas humanas, ou repetir um discurso aprendido, cumprindo gestos formais e organizativos. Por isso Dom Giussani sempre nos convidou a levar a sério o humano, isto é, a afeição por si mesmo:

“A primeira condição para que o acontecimento, o Movimento como acontecimento, como fenômeno imponente, se realize, a primeira condição é exatamente esse sentimento pela própria humanidade [...]: a ‘afeição por si’”.<sup>32</sup> E o que quer dizer essa afeição por si? Não é um sentimentalismo: “A afeição por si reconduz à redescoberta das exigências constitutivas, das necessidades originais, na sua nudez e vastidão

<sup>30</sup> L. Giussani, “A consciência religiosa no homem moderno”, Centro Cultural “Jacques Maritain”, pró-manuscrito, Chieti, 1986, p. 15.

<sup>31</sup> J. Ratzinger, *Dogma e predicazione*. Brescia: Queriniana, 2005, p. 75.

<sup>32</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 294.

[...]: uma espera sem limite. [...] Essa é a originalidade do homem; com efeito, a originalidade do homem é a espera do infinito”<sup>33</sup>

Mas é isso que tantas vezes falta entre nós, esse senso do mistério, de modo que, no final, faltando o Mistério, tudo nos “corresponde” porque tudo é a mesma coisa. “É esta a desgraça dos modernos: não possuem o senso do mistério”<sup>34</sup> Muitas vezes, falando entre nós, essa é a coisa que mais falta. Não é Ele que falta, falta o senso do Mistério. Por isso me volta sempre à mente aquela frase de Gilbert Chesterton: “Os sábios – ouve-se – não veem a resposta para o enigma da razão. O mal não é que os sábios não veem a resposta, mas que não veem o enigma”,<sup>35</sup> não percebem o enigma, não percebem o Mistério. Por isso Martin Heidegger dizia que “nenhuma época soube menos do que a nossa o que é o homem”<sup>36</sup> Tanto é verdade que tudo se reduz ao sentimento de prazer ou de desprazer. Vejam o que dizia Immanuel Kant (podemos quase nos reconhecer nestas palavras): “Em que coisa cada um deva colocar a própria felicidade depende do sentimento de prazer ou de desprazer próprio de cada um [...]; portanto uma lei *necessária subjetivamente* (como lei de natureza) é, *objetivamente*, um princípio prático totalmente *acidental*, que em sujeitos diferentes pode e deve ser muito diverso, e portanto não pode jamais fornecer uma lei”<sup>37</sup> O critério de juízo é absolutamente subjetivo, por isso a palavra “correspondência” (que aqui é reduzida àquilo que condiz com esse sentimento subjetivo) é manipulada por cada um, pela escolha de cada um.

Por isso repito a vocês aquilo que Dom Giussani diz em *Si può (veramente?!) vivere così?* a respeito da experiência da correspondência, porque me marcou quando o reli:

“O conteúdo da experiência é a realidade. Um homem se apaixona por uma mulher: isto é um fato, é um fenômeno. O poeta caminha com as mãos no bolso e chega a esse fato. Esse fato entra na esfera do horizonte do seu olhar, ou seja, entra no âmbito do seu conhecer. Tratando-se de um fenômeno real, torna-se objeto de conhecimento. Isso é o começo do fenômeno, mas não é tudo. Frente a esse objeto de conhecimento, os olhos do poeta se incendiam de curiosidade, de simpatia, de aprovação, porque ele vê no fenômeno algo que também ele gostaria de ter, mas sendo um jovem poeta de 15 anos ainda não o

<sup>33</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria*, op.cit., p. 297-298.

<sup>34</sup> B. Marsall, *Tutta la gloria nel profondo*. Milano: Jaca Book, p. 149.

<sup>35</sup> G. K. Chesterton, *Ortodossia*. Milano: Edizioni Martello, 1988, p. 49.

<sup>36</sup> M. Heidegger, *Kant e il problema della metafisica*. Roma/Bari: Editori Laterza, 1981, p. 181.

<sup>37</sup> I. Kant, *Critica della ragion pratica*. Milano: Bompiani, 2000, p.75-77.

tem dessa forma. Ele prova nostalgia: ele prova, isto é, reage com um sentimento de inveja e com um desejo de ele também possuir aquele fenômeno”.<sup>38</sup>

Eu devia parar aqui e lhes perguntar: isto é experiência? É essa a correspondência? Aposto que a maioria de vocês responderia sim: provo uma nostalgia, provo essa curiosidade, provo essa simpatia, logo, me corresponde. E essa é a justificativa; a pessoa pode ir atrás de qualquer coisa, e depois justificar qualquer tipo de naturalismo (ir até o fundo das próprias nostalgias sentimentais) em nome da correspondência, e justificar também entre nós qualquer estupidez em nome da correspondência. Frequentemente para nós correspondência é sinônimo de desejo de ter. Mas prestem atenção em como prossegue Dom Giussani:

“Até aqui não é correspondência, mas algo que se prova. [...] ‘É satisfação real? É resposta verdadeira à minha necessidade? É felicidade? É verdade e felicidade?’. Essas são as exigências que não nascem naquilo que ele prova, mas nascem nele diante daquilo que prova, nele empenhado com aquilo que prova. Essas perguntas julgam aquilo que ele prova”.<sup>39</sup> Esta, sim, é a correspondência! “Aqui se torna experiência o puro e mero provar. [...] Torna-se experiência quando o provar é ao mesmo tempo julgado com os critérios do coração: se é realmente verdadeiro, se é realmente bonito, se é realmente bom, se é realmente feliz. Com base nessas perguntas últimas do coração, nesses critérios últimos do coração, o homem governa a sua vida”.<sup>40</sup> Caso contrário, é uma criança que vai atrás daquilo que prova sem julgar! Por isso a confusão entre o provar e a correspondência é o que nos impede, no fim das contas, de reconhecer a correspondência de Cristo. A questão não é só que eu erre constantemente – que já seria o bastante –, mas que não entendo qual é a novidade que Cristo introduz. Por isso achamos que não vemos a resposta, mas na realidade não vemos o enigma. Com efeito, “uma resposta só é entendida na medida em que a pessoa percebe a pergunta em si”.<sup>41</sup> Somente uma pessoa assim entende a resposta. Por isso não há nada de mais inconcebível do que uma resposta dada a um problema que não se coloca. E você vê logo quando a pessoa tem essa humanidade, quando tem o humano e quando não tem. Sempre me lembro do exemplo da Cleuza, que um instante depois de ter escutado

<sup>38</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*. Milano: BUR, 1996, p. 81.

<sup>39</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op.cit., p. 81-82.

<sup>40</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op.cit., p. 82-83.

<sup>41</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria*, op. cit., p. 62.

que até os cabelos da própria cabeça estão contados – e éramos setecentas pessoas ouvindo aquilo – experimentou logo a correspondência impossível. “Podemos voltar pra casa”, disse ao Marcos. Por que ela entendeu? Por quê? Porque sentia o enigma muito mais do que muitos entre nós, sabichões, que estávamos lá, muito mais! Como se vê que ela entendeu, ou seja, que para ela a fé era conhecimento? Pelo modo como ela colocou a fé em jogo na realidade, diante de todos e muito mais que todos. O juízo sobre a excepcionalidade de Cristo, sobre a correspondência impossível, só é possível para quem tem esse humano. Se falta o humano, mesmo que tenhamos na nossa frente a Presença, nós a trocamos por qualquer satisfação barata. Aí a fé para nós não é conhecimento, continuamos perdidos como todos. No fundo não entendemos: nós, os sábios, não entendemos nada.

## 2) *Quem é este?*

O segundo ponto sobre o qual gostaria de me deter, depois da correspondência, é que isso é o início de um percurso que culmina com a pergunta: quem é Este que me corresponde assim? Nós estamos circundados, como dizíamos antes, por fatos excepcionais, que às vezes fazem disparar a pergunta; mas normalmente nós não fazemos esse percurso e ficamos ali, como os judeus, suspensos. “Os judeus, então, o rodearam e lhe disseram: ‘Até quando nos deixarás em suspenso? Se és o Cristo, dize-nos abertamente’”.<sup>42</sup> Querem uma resposta que lhes poupe o empenho da sua própria humanidade, da própria razão e da própria liberdade. Mas Jesus não cede – sinto muito –: “Jesus lhes respondeu: ‘Eu já vos disse, mas vós não acreditais. As obras que faço em nome de meu Pai dão testemunho de mim. Vós, porém, não acreditais, porque não sois das minhas ovelhas. As minhas ovelhas escutam a minha voz, eu as conheço e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna e elas jamais perecerão, e ninguém vai arrancá-las da minha mão. Meu Pai, que me deu tudo, é maior do que todos e ninguém pode arrancá-las da mão do Pai. Eu e o Pai somos um’”.<sup>43</sup> Antes ele tinha dito: “Mas eu tenho um testemunho maior que o de João: as obras que o Pai me concedeu realizar. As obras que eu faço dão testemunho de mim, pois mostram que o Pai me enviou”.<sup>44</sup>

Nós estamos, como os judeus, diante das obras, dos fatos, das testemunhas, dessa diversidade humana. Vemos uma avalanche de sinais de

---

<sup>42</sup> Jo 10,24.

<sup>43</sup> Jo 10,25-30.

<sup>44</sup> Jo 5,36.

um milagre presente; mas existe como um medo de perder isso. Porque não sabemos de que se trata (se a pessoa experimentou que a água molha, é possível que no dia seguinte duvide se vai molhar de novo?). Ou seja, não é conhecimento. O nosso medo começa no instante em que bloqueamos o percurso do conhecimento, do conhecimento daquela beleza que me fere, que eu não posso evitar que esteja diante de mim. Quem pode ter medo de que não permaneça, de que desapareça depois de pouco tempo? Quem não chegou até a fé. Quem não percebe nessas obras, nessa beleza o sinal da Sua presença. E por que não percebe? Porque fica preso na aparência, como os judeus: veem as obras, mas não chegam a reconhecer a origem última delas. Para nós é como se essa beleza que temos a nossa frente fosse separada d'Ele, não fosse a prova de que Ele está agindo no nosso meio: fazemos sempre uma separação entre o sinal e a origem do sinal. Então os sinais não nos confirmam que Ele está agindo, a fé não é um conhecimento d'Ele por meio daquilo que faz. Se é Ele, será Ele que se preocupará em dar-me outros sinais ainda, será Ele que se preocupará em permanecer presente, pois é o único que disse – se chagássemos a reconhecer Quem faz essa beleza que temos à nossa frente, sequer pensaríamos em como permanece – que ficará conosco até o fim do mundo. Como Ele ficará conosco não é um problema nosso. Se não chegamos a esse conhecimento verdadeiro, estamos sempre no incômodo da incerteza.

### ***b) Verificação da fé***

Mas o percurso não acaba aqui. Uma vez reconhecido, é preciso fazer a verificação, na experiência, dessa Presença que reconhecemos. Dizia ainda Ratzinger:

“A fé cristã não é um sistema [não é um pensamento]. Não pode ser apresentada como uma construção intelectual fechada. É um caminho, e é próprio de um caminho que, só andando por ele, se possa saber como caminhar nele. Isso é válido num duplo sentido: a cada um, individualmente, o cristianismo apenas se abre na experiência do caminhar-com [Cristo se revela aos nossos olhos na medida em que se manifesta pelo modo com que Ele nos muda e nos acompanha]; e só se deixa captar na sua totalidade como caminho histórico”.<sup>45</sup>

É necessário, portanto, que deixemos à fé o espaço para manifestar a sua verdade, para que possa mostrar-se capaz de sustentar a vida, de ficar de pé frente às circunstâncias. O nosso Deus é um Deus que se

<sup>45</sup> J. Ratzinger, *Fé, verdade, tolerância*, op.cit., p.135.

revela na história, não nos nossos pensamentos. É aí que revela a Sua diversidade em relação a todos os nossos ídolos.

Por isso se não arriscarmos na realidade, no trabalho, na crise, na doença, nos relacionamentos, nas circunstâncias, não poderá vir à tona a evidência de que necessitamos aderir razoavelmente a Cristo. Pois aquilo de que necessitamos é da evidência de Cristo na nossa experiência, não de repetir um discurso. E não precisamos de alguém que nos explique isso, precisamos ver isso: que fica de pé frente às circunstâncias, que é capaz de sustentar a vida. Não precisamos de direção espiritual, mas do convite a uma verificação dentro das circunstâncias. É exatamente isso que pode nos dar aquela certeza da qual necessitamos. Só quem arrisca fazer essa verificação pode chegar à certeza do conhecimento do qual todos necessitamos: poder verificar que quem crê no Filho tem a vida eterna e faz a experiência do cêntuplo aqui. Sem isso, aderir à fé não é razoável, porque não O conhecemos em ação. Ao invés, quem verifica pode chegar àquela certeza.

Escreve a uma amiga uma mãe que teve um lindo filho, e com síndrome de Down:

“O que gostaria de te dizer é que nestes três meses de hospital eu e meu marido ficamos diante das circunstâncias que se apresentavam com um desejo de abraçar toda a realidade pela forma como ela se revelou. Há vinte anos eu encontrei Comunhão e Libertação, mas só nesta circunstância, neste fato, revelou-se para mim o mistério da grande Presença. Ele existe, é um fato, como é um fato o meu filho. A partir dessa nossa posição, nasceram tantos belíssimos encontros, relacionamentos, revelou-se a unidade com os nossos amigos. Por isso me marcou a Escola de Comunidade quando dizia: ‘ficar dentro da realidade pedindo quem a dá para nós, ficando até o fundo e pedindo, perguntando até o fundo de que coisa sou constituída, desejando, esperando Aquele que me faz’”.

### ***c) A fé é um método de conhecimento***

Assim a fé pode voltar a ser conhecimento. A fé é um método de conhecimento! Esse caminho dramático faz parte da certeza, amigos, da superação daquela separação entre saber e crer. A história não é inútil, as circunstâncias por meio das quais o Mistério nos faz passar não são inúteis; são a possibilidade de ver, que se revele diante dos nossos olhos quem é Aquele nos qual acreditamos. Por meio dessa história nós conhecemos Aquele no qual acreditamos. Acreditamos, como os discípulos, porque vimos; não acreditamos por um sentimentalismo ou porque decidimos acreditar, decidimos criar a fé. Nós O vimos em ação,

as Suas obras falam d'Ele. Isso é superar a separação entre saber e crer. Nós vimos, quando fizemos esse percurso, os traços inconfundíveis da Sua presença. Nada de redução da fé a senso religioso e a sentimento!

Quem aceitou esse desafio que Dom Giussani nos fez, quem aceitou percorrer todo o caminho da fé como caminho de conhecimento, poderá testemunhar isso, como muitos nos testemunham. Pois, nas circunstâncias que cada pessoa tem de viver, o que aparece? Que ninguém, quando fez esse percurso, pôde eliminar a experiência de correspondência que viveu e que vive. A correspondência é o sinal de que por meio dos fatos (uma quantidade sem fim de experiências, de eventos e de prodígios) pudemos tocar com a mão a Sua presença no nosso meio (tanto é que ficaram na memória, penetraram em cada fibra do nosso ser). A correspondência em cada pessoa – porque a pessoa pode ficar de pé somente graças a isso –: é o Senhor de cada coração, e por isso é o Senhor de todos. O cristianismo, quando fazemos esse caminho, é um fato que ninguém pode nos arrancar, que resiste a qualquer crise, a qualquer desmoronamento, a qualquer terremoto. Aliás, qualquer crise, qualquer desafio, é a oportunidade para reconhecê-Lo em ação. É o espetáculo da Sua presença em ação na realidade, não nos nossos pensamentos. É a certeza d'Ele que cresce. E por isso existe uma gratidão infinita para com Ele, com Ele que se torna presente dessa forma na nossa vida.

O que se revelou mais consistente do que qualquer outra coisa, do que qualquer desafio? Esse pertencer a Ele, como nos testemunhavam os nossos amigos de Áquila: um pertencer à Presença que ninguém pode derrotar. A consistência da nossa vida depende do relacionamento com aquela Presença. O valor da nossa vida depende desse relacionamento, dessa familiaridade: mas quem és Tu que cuidas assim do meu nada? Essa é a grandeza do carisma ao qual pertencemos: pertencer a uma história, a uma experiência de fatos que nos tornam protagonistas, não no sentido de ter poder, mas de reconhecer uma Presença que responde, que corresponde à espera do nosso coração, também em meio a todas as dificuldades e a todas as condições. Por isso, tudo me é dado para reconhecer os traços inconfundíveis da Sua presença no nosso meio, que se revelam não nos nossos pensamentos, mas na vida. Entende-se por que São Paulo dizia com gratidão: “Foi ele que nos livrou do poder das trevas, transferindo-nos para o reino do seu Filho amado, no qual temos a redenção, o perdão dos pecados”.<sup>46</sup>

Por isso peçamos: não me abandones nunca, Presença que sempre me surpreendes!

---

<sup>46</sup> Cf 1,13-14.

## SANTA MISSA

SAUDAÇÃO INICIAL DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL STANISLAW RYLKO  
PRESIDENTE DO PONTIFÍCIO CONSELHO PARA OS LEIGOS

Caríssimos amigos, a minha cordial saudação a todos: a vós que estais reunidos em Rímimi no encontro anual dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, e a vós que, espalhados pelo mundo, participam em ligação via satélite.

Ao vê-los reunidos tão numerosos e tão recolhidos em silêncio e oração diante do altar do Senhor, vêm-me espontaneamente aos lábios as palavras do Salmo responsorial de hoje: “Feliz da nação que sabe louvar-Te, Senhor, que sabe caminhar na luz do teu rosto” (Sl 88).

Dizia Dom Giussani: “Deus para o homem é misericórdia e a paz em nós tem um só nome: a misericórdia de Deus”. Com o eco destas palavras no coração, reconheçamo-nos pecadores, pobres, verdadeiros mendigos da divina misericórdia que não conhece limites, nem medida, e digamos juntos:

*Confesso a Deus...*

### HOMILIA

#### **“Eis-me aqui, envia-me...” (Is 6,8)**

1. O Senhor concede-vos de novo o dom deste importante encontro anual: os Exercícios Espirituais da Fraternidade. É um dom da graça, porque os Exercícios são um tempo forte de regresso ao essencial, quer na vida do movimento, quer na vida pessoal de cada um de vós. Encontrais-vos em Rímimi todos os anos. Mas não se trata, certamente, de repetições de rito de um evento sempre igual a si mesmo. Cada encontro é diferente do que o antecedeu e do que o seguirá. Hoje não é como o ano passado.

Porque a nossa história pessoal está diferente, está mudada. E é inesgotável a capacidade de Cristo de surpreender-nos com a novidade do seu Evangelho em cada fase da nossa existência.

Os Exercícios Espirituais, então, são o tempo do silêncio que permite escutar o Senhor que não se rende à nossa sordidez, à nossa distração, à nossa indiferença e continua a bater à porta da nossa vida: “Olha que Eu que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a



porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo” (Ap 3,20). Podemos dizer, com Dom Giussani, que o verdadeiro protagonista dos Exercícios Espirituais é o mendicante: “Cristo mendicante do coração do homem e o coração do homem mendicante de Cristo” (30 de maio de 1998).

Este é o tempo em que o Senhor dá novo vigor à nossa esperança. Essa esperança sem a qual o homem não pode viver, como nos recorda o Santo Padre Bento XVI. E que não é uma esperança qualquer, mas sim a “grande esperança” fundada na rocha que é o próprio Cristo. Mas que também, face às provas que a vida não poupa a ninguém, com frequência vacila. Como reavivar a sua chama que corre sempre o risco de se apagar? Onde e como reacendê-la? Na primeira leitura que escutamos, São Pedro explica-nos: “Humilhai-vos [...] sob a poderosa mão de Deus, para que Ele vos exalte no devido tempo. Confiai-lhe todas as preocupações, porque Ele tem cuidado de vós [...] o Deus que é todo graça [...] há-de restabelecer-vos e consolidar-vos, tornar-vos firmes e fortes” (1 Pe 5,6-10). Esta é a mensagem que nos reconforta: Deus cuida de nós! Deus ama-nos! No livro do profeta Isaias, Deus fala com palavras que exprimem bem o *kairòs* destes Exercícios: “Nada temas, porque Eu te resgatei, e te chamei pelo teu nome; tu és meu” (Is 43,1).

2. Hoje a Igreja celebra a festa de São Marcos Evangelista, primo de Barnabé, colaborador de Paulo na sua primeira viagem apostólica, e sobretudo discípulo de São Pedro Apóstolo, o qual, na sua carta lhe chama, afetuosamente: “meu filho” (1 Pe 5,13). O evangelho que acabamos de escutar – que é precisamente retirado do Evangelho segundo São Marcos – convida-nos a confrontar-nos seriamente com o mandato missionário que Cristo ressuscitado confiou à Igreja, isto é, a cada um de nós: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15). Evangelizar o mundo é, portanto, em todos os tempos, o dever fundamental da Igreja – a sua própria razão de ser! E é um desafio permanente que nos interpela a todos nós, discípulos de Cristo. Bento XVI não esconde a dramatismo da situação do Evangelho no mundo de hoje e inclusivamente em países de antiga tradição cristã – nos quais sobrevive um “cristianismo cansado”, esgotado e desencorajado, difunde-se um “estranho esquecimento de Deus”, dá-se uma preocupante “apostasia silenciosa” dos batizados – que, por isso, se convertem em autênticas terras de missão. Diz o Papa: “deveríamos refletir seriamente sobre o modo como hoje podemos realizar uma verdadeira evangelização, e não somente uma nova evangelização, mas muitas vezes uma

autêntica primeira evangelização. As pessoas não conhecem Deus, não conhecem Cristo. Existe um novo paganismo e não é suficiente que nós procuremos conservar o rebanho já existente, embora isso seja muito importante [...]. Penso que todos juntos devemos procurar descobrir novos modos de apresentar o Evangelho ao mundo contemporâneo, de anunciar de novo Cristo e de estabelecer a fé” (Colônia, 21 de agosto de 2005).

Infelizmente, o crescente pluralismo religioso e a mentalidade relativista própria da pós-modernidade semeiam também neste campo vital para a Igreja uma perigosa confusão. E até em determinados âmbitos eclesiais se ouve hoje dizer que basta ajudar os homens a serem mais homens ou mais fiéis às suas tradições religiosas – não importa quais sejam –, sem favorecer necessariamente a conversão a Cristo e a adesão à Igreja. Tudo isto em nome dum falso respeito e duma mal-entendida promoção da liberdade de consciência. Aos defensores desta corrente de pensamento decididamente não agradam as palavras “evangelização” e “anúncio”. Em alternativa à evangelização, eles preferem falar de “diálogo”, referindo-se a um diálogo que põe todos os interlocutores no mesmo plano e prescinde do critério da verdade. Mas, assim, atraiçoa-se o mandato do Ressuscitado de anunciar o Evangelho “a todas as criaturas”. Estamos, por isso, agradecidos à Congregação para a Doutrina da Fé por ter publicado há um par de anos uma *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização* (3 de dezembro de 2007). O documento fornece esclarecimentos fundamentais a este propósito e recorda que “evangelizar significa não só ensinar uma doutrina, mas anunciar Jesus Cristo com palavras e ações, isto é, fazer-se instrumento da sua presença e acção no mundo” (n. 2). Deus não é um pretexto para falar de outra coisa (de qualquer coisa que se considere mais interessante para a mentalidade dominante). Deus deve tornar a ser o coração do anúncio cristão. “Quem não dá Deus, dá demasiado pouco” (Mensagem para a Quaresma 2007), adverte Bento XVI. E não se está a referir a um deus qualquer, mas sim ao Deus que se revelou no rosto de Jesus Cristo, o seu Filho Unigênito, que se fez homem para nossa salvação. Todas as pessoas têm o direito de ouvir de nós cristãos esta boa notícia para poderem viver em plenitude a sua própria vocação. Um direito a que corresponde o nosso dever de evangelizar segundo as palavras do Apóstolo dos gentios: “Porque, se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta: ai de mim, se eu não evangelizar!” (*1 Cor* 9,16). Nós, os batizados, devemos encontrar de novo a coragem e o orgulho

de ser cristãos e missionários do Evangelho no nosso mundo. Hoje há verdadeira necessidade de despertar as consciências cristãs! Não podemos deixar-nos intimidar pelas formas de intolerância que ganham pé mesmo nas nossas democracias ocidentais, nem por um laicismo agressivo que pretende eliminar Deus do horizonte da vida do homem. Há quem fale, e não sem razão, dum “novo anti-cristianismo” e de uma certa “cristianofobia”. Mas nós não podemos esconder-nos atrás de um silêncio inerte. Temos de redescobrir a vocação profética que é própria dos batizados. Tal como Isaías, à pergunta do Senhor: “Quem enviarei, quem será o nosso mensageiro?”, temos de estar prontos a responder: “Eis-me aqui, enviai-me!” (*Is* 6,8).

A verdade, depois, impõe-se por si. Por esta razão – lê-se na citada *Nota doutrinal* – “solicitar honestamente a inteligência e a liberdade de uma pessoa, no encontro com Cristo e o seu Evangelho, não é uma indevida intromissão em relação a ela, mas uma legítima oferta e um serviço que pode tornar mais fecundas as relações entre os homens [...] Quem anuncia o Evangelho participa na caridade de Cristo, que nos amou e se deu a si mesmo por todos nós (cf. *Ef* 5, 2)” (n. 5, 11). O testemunho pessoal e a transmissão da fé de pessoa a pessoa – como nas primeiras comunidades cristãs – continuam a ser as vias privilegiadas da evangelização também nos nossos tempos. Retomando o pedido de alguns gregos a Filipe: “Queremos ver Jesus!” (*Jo* 12,21), o Servo de Deus João Paulo II, no início do terceiro milênio da era cristã, escrevia: “os homens do nosso tempo, talvez sem se darem conta, pedem aos crentes de hoje não só que lhes ‘façam’ de Cristo, mas também que de certa forma façam ‘vê-Lo’. E não é porventura a missão da Igreja refletir a luz de Cristo em cada época da história e, por conseguinte, fazer resplandecer o seu rosto também diante das gerações do novo milênio?” (*Novo millennio ineunte*, n. 16). É uma indicação importante.

“Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura” (*Mc* 16,15). Nos nossos dias, este dever – como vimos – tornou-se especialmente árduo. Todavia, não faltam sinais de esperança. Primeiro entre todos, o grande florescimento de novos carismas que geraram o povo dos movimentos eclesiais. Estes são uma resposta oportuna do Espírito Santo aos desafios que o mundo continua a lançar à sua missão evangelizadora da Igreja. Basta pensar nas fileiras de homens e mulheres do nosso tempo, que precisamente graças a estes novos carismas, encontraram Cristo, descobriram a fascinante beleza de ser cristãos e se deixaram conquistar por da uma extraordinária paixão missionária ao serviço do Evangelho. E todos vós sois disto um exemplo vivo!

3. Para concluir a nossa meditação dirigimos nosso olhar àquele que se tornou modelo eminente para os evangelizadores de todos os tempos: Paulo de Tarso. A Igreja está no ponto culminante das celebrações do Ano Paulino proclamado pelo Papa Bento XVI para comemorar os dois mil anos do nascimento do Apóstolo dos gentios. Todos nós temos necessidade de abeirar-nos idealmente da “chama” que brilha simbolicamente na basílica de São Paulo Fora dos Muros, em Roma, para reavivar em nós a audácia da fé e a paixão missionária num mundo que se vai afastando de Deus.

De onde irrompe a gigantesca obra evangelizadora realizada por Paulo? A resposta é simples: do encontro com Cristo ressuscitado às portas de Damasco, que transformou a vida de Saulo. Ele caiu do cavalo e, quando se levanta da terra, o brutal perseguidor da Igreja nascente é outro. Saulo torna-se Paulo, discípulo de Cristo, apóstolo intrépido que pelo Evangelho um dia irá derramar o sangue. Desta experiência na estrada de Damasco o Santo Padre disse: “Esta mudança da sua vida, esta transformação de todo o seu ser não foi fruto de um processo psicológico, de uma maturação ou evolução intelectual e moral, mas vem de fora: não foi o fruto do seu pensamento, mas do encontro com Cristo Jesus. Neste sentido não foi simplesmente uma conversão, uma maturação do seu “eu”, mas foi morte e ressurreição para si mesmo: morreu uma sua existência e outra nova nasceu com Cristo Ressuscitado” (Audiência Geral, 3 de setembro de 2008). O que para ele fora importante, essencial, torna-se perda, lixo (cf. *Fl* 3,8). Agora, o que conta é só Cristo e a sua palavra de salvação que Paulo quer levar a todo o mundo. Aos destinatários das suas cartas irá escrever: “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (*Gl* 2,20); “Para mim, viver é Cristo” (*Fl* 1,21); “O amor de Cristo exerce pressão sobre nós” (*2 Cor* 5,14). A sua vida de apóstolo de Jesus Cristo foi tudo menos fácil: “Viagens a pé sem conta – escreve – perigos nos rios, perigos de salteadores, perigos da parte dos meus irmãos de raça, perigos da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos da parte dos falsos irmãos; trabalhos e duras fadigas, muitas noites sem dormir, fome e sede, frequentes jejuns, frio e nudez” (*2 Cor* 11,26-27). E para as adversidades da vida apostólica tem uma só resposta: “Estou crucificado com Cristo” (*Gl* 2,19); “De tudo sou capaz naquele que me dá força” (*Fl* 4,13). Este é Paulo. Tudo na vida dele começou com o encontro com o Ressuscitado. Não é por acaso que Bento XVI repete incansavelmente que “o cristianismo não é uma nova filosofia ou uma nova moral. Somos cristãos unicamente se encontramos Cristo” (Audiência Geral, 3 de

setembro de 2008). De geração em geração, os verdadeiros evangelizadores – testemunhas persuasivas do Evangelho – nascem precisamente assim. Também hoje vós sois a prova.

#### ANTES DA BÊNÇÃO

**Julián Carrón.** Permita-me, Eminência, que lhe agradeça em nome de todos os nossos amigos pela sua presença entre nós, que torna presente o Santo Padre, como testemunho da contemporaneidade de Cristo entre nós, e por nos recordar que a graça que nós recebemos é para todos, é para a missão, para comunicar a todos a beleza que nós encontramos.

Obrigado, Eminência.

**Cardeal Rylko.** Obrigado a todos vós por este esplêndido testemunho de fé que dais à Igreja e ao mundo todas as vezes que vos encontram durante os Exercícios Espirituais. Para mim, pessoalmente, vir aqui e celebrar convosco a Eucaristia é sempre um dom, uma recarga espiritual. Obrigado.

# *Sábado, 25 de abril, tarde*

*Na entrada e na saída:*

*Ludwig van Beethoven, Quarteto para arcos em lá menor, op. 132*

*Quarteto Italiano*

*“Spirto Gentil” n. 49, Decca*

## ■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

**Julián Carrón**

### *A contemporaneidade de Cristo*

#### **1. Da fé, o método**

##### *a) Algo que vem antes*

Na primeira palestra, procurando responder à fratura que existe entre saber e crer, tivemos de percorrer novamente o que é o cristianismo: um Fato, o deparar-se com uma Realidade diferente e irreduzível. Mas se a fé é um conhecimento e requer constantemente o uso da razão, ela precisa estar sempre diante desse Acontecimento presente que a desafia. Já no ano passado tínhamos dito que o conhecimento novo implica o estar em contemporaneidade com o Acontecimento que o gera e continuamente o sustenta.

Por isso não responderemos completamente à pergunta colocada pela situação em que nos encontramos enquanto não tivermos respondido a esta outra: como o Acontecimento cristão permanece continuamente contemporâneo? É só respondendo a essa pergunta que podemos superar definitivamente a fratura entre saber e crer. E para responder não basta reconhecer o que dissemos hoje manhã (que o cristianismo é um acontecimento histórico), como se vê pelo fato de que em muitas ocasiões, mesmo reconhecendo que o cristianismo é um acontecimento histórico, aquilo que permanece desse evento histórico é somente a Bíblia. Assim, da religião do evento passamos logo à religião do livro: perdemos pelo caminho a história, o evento se torna só palavra.

E nós entendemos bem o alcance dessa questão graças ao acontecimento histórico do carisma que nos fascinou. Nós também tivemos e temos de enfrentar o mesmo problema. Ninguém dentre nós duvida

que o carisma é um fato histórico, o deparar-se com uma diversidade humana, a de Dom Giussani. Mas agora que ele não está se torna mais urgente o como permanece hoje o carisma que nos fascinou, e a nossa tentação também é dizer que permanece por meio dos textos. Além da lembrança da sua pessoa, que com o tempo tenderia inevitavelmente a se achatar, o que temos de mais concreto – devemos dizer – são os textos, os livros.

Os livros, com certeza, são um bem enorme, como Dom Giussani sempre nos disse. Permanecerão para nós sempre como cânone, como regra da experiência de vida que Dom Giussani fez graças a sua fé. Mas se ficassem só os livros, cedo ou tarde nos acharíamos na mesma situação dos judeus quando a voz profética se apagou: sozinhos com os textos, resta só interpretá-los. E foi o momento histórico em que nasceram os escribas, os doutores da lei, os especialistas em interpretação. Nós sabemos que esse risco não é só um jeito de falar, que muitas vezes a Escola de Comunidade pode se tornar isso, e sabemos muito bem o quanto pode ser uma chatice.

Se fosse esse o nosso destino, logo perceberíamos ficarmos presos nas nossas interpretações, seríamos como todos e não conseguiríamos compreender Dom Giussani além da nossa capacidade de compreensão, porque não conseguiríamos sair dos nossos pressupostos: e o carisma, nessa altura, se acabaria. Porque a interpretação não seria suficiente para sustentar a vida, para interessar à vida.

Em fevereiro de 1984 Dom Giussani dizia:

“Mas o que pode fazer permanecer [...] o amor por si, a ternura para consigo mesmo e, portanto, como reflexo, como refluxo, a ternura pelos outros, o amor pelo destino, o amor pelo próprio destino e pelo dos outros? O que pode sustentar tudo isso? Eis, um Cristo como fato histórico distante pode ser lido como uma página de literatura bonita, pode até dar um impulso momentâneo, pode gerar emoção, pode despertar nostalgia, mas agora, [...] com esse cansaço, com essa facilidade para a melancolia, com esse estranho masoquismo que a vida de hoje tende a favorecer ou com essa indiferença e esse cinismo [...], como aceitar a si e aos outros em nome de um discurso? [...] Dessa forma, digo que não é possível permanecer no amor por si mesmo sem que Cristo seja uma presença, como é presença uma mãe para uma criança que não sabe como fazer [...]. Sem que Cristo seja presente agora – agora! –, eu não posso me amar agora e não posso amar você agora. Se Cristo não ressuscitou, estou acabado, mesmo tendo todas as Suas palavras, mesmo tendo todos os Seus Evangelhos. Com os textos dos Evangelhos, no

máximo, eu poderia também me suicidar, mas com a presença de Cristo não, com a presença reconhecida de Cristo não!”<sup>47</sup>

Por isso temos urgência de responder com clareza a essa questão. E aqui nos ajuda de forma impressionante o texto *Algo que vem antes*. Vimos nesta manhã quando nos lembrou que o cristianismo é um fato, e isto todos nós assinaríamos em baixo. Mas a questão mais perturbante começa depois: a grande revolução é dizer que o cristianismo permanece como fato. E isso não é óbvio:

“Deparar-se com uma presença de humanidade diferente *vem antes* não apenas no início, mas em cada um dos momentos que se seguem ao início: um ano ou vinte anos depois. O fenômeno inicial – o impacto com uma diversidade humana, o maravilhamento que nasce desse impacto – está destinado a ser *o fenômeno inicial e original de qualquer momento do desenvolvimento*. Pois não se dá nenhum desenvolvimento se esse impacto inicial não se repete, ou seja, se o acontecimento não continua a ser contemporâneo. [...] O fator que está na origem é sempre o impacto com uma realidade humana diversa”<sup>48</sup>

Por isso precisamos acrescentar ao que foi dito nesta manhã: a contemporaneidade de Cristo não é condição só do início, mas de cada passo do caminho. A alternativa é clara: ou se renova, acontece, ou nada avança, não se dá verdadeira continuidade e o carisma está morto e sepultado. Mas a coisa mais perturbante é que se não se renova agora, sequer entendemos o que tinha nos acontecido no início, porque “se a pessoa não vive agora o impacto com uma realidade humana nova, não entende o que lhe aconteceu antes. Só se o acontecimento acontece agora é que o acontecimento inicial se esclarece e se aprofunda e, assim, se estabelece uma continuidade, um desenvolvimento”<sup>49</sup>

Se isso não acontece, não quer dizer que não fazemos nada: “logo a pessoa teoriza o acontecimento que ocorreu, e tateia em busca de pontos de apoio que substituam [apoios substitutivos para viver, porque um discurso não consegue sustentar a vida] Aquilo que realmente está na origem da diversidade”<sup>50</sup> E quais são os apoios substitutivos? Os de todo mundo: “O poder, principalmente o poder econômico, é a eliminação de todos os deuses, com exceção de um na sua tríplice versão: usura, luxúria, po-

<sup>47</sup> Refere-se ao texto de uma Equipe contida no volume de L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, em fase de publicação pela BUR, p. 76-77.

<sup>48</sup> L. Giussani, “Algo que vem antes”, op. cit., p. 2.

<sup>49</sup> L. Giussani, “Algo que vem antes”, op. cit., p. 2.

<sup>50</sup> L. Giussani, “Algo que vem antes”, op. cit., p. 2.



der, como diz Eliot”.<sup>51</sup> Não porque sejamos piores do que os outros, mas porque é inevitável. Se Ele não está presente nem é capaz de atrair toda a nossa afeição e todo o nosso coração, procuramos apoios substitutivos.

Vive-se por algo que está acontecendo agora. Por isso, querendo saber se permanece entre nós aquilo que o Espírito iniciou anos atrás por intermédio de Dom Giussani, eis o critério que ele mesmo nos deixou: “A continuidade com o que aconteceu no início só se realiza [...] mediante a graça de um impacto sempre novo e maravilhado, como se fosse a primeira vez. [E se não for claro, nos oferece também a contraprova:] Do contrário, em lugar desse maravilhamento dominam os [nossos] pensamentos”.<sup>52</sup> Essa é a alternativa. Portanto, diante da tentação de reduzi-lo a textos, a organização, ele insiste que não há diferença de método entre o início e a continuação, porque é a fê que dita o método sempre: da fê, o método. Isto quer dizer que o carisma permanece na diversidade humana que nos toca agora; é a diversidade humana que continua a acontecer agora aquilo que testemunha que Cristo permanece contemporâneo e que nos confirma que nós estamos seguindo Dom Giussani da forma como nos ensinou. É essa diversidade que O torna presente entre nós.

A diferença entre os escribas e o cristianismo nós vimos nestes dias de Páscoa de forma espetacular, porque o que permanece não são os discursos, não são os textos – que, além do mais, não existiam ainda! –; permanece a Sua presença, que prolonga no presente aquilo que tinha sido no início. E o que tinha sido no início? Todos os Evangelhos documentam a diversidade entre Cristo e os escribas, até o ponto em que todos ficavam admirados com Ele: “Todos ficaram admirados com o seu ensinamento, pois ele os ensinava como quem tem autoridade, não como os escribas”.<sup>53</sup> E mais adiante: “Todos ficaram admirados e perguntavam uns aos outros: ‘Que é isto? Um ensinamento novo, e com autoridade; ele dá ordens até aos espíritos impuros, e eles lhe obedecem!’”.<sup>54</sup> Não como os escribas. Ensinava-lhes com autoridade e não como os seus escribas (todos nós lemos esses textos; mas como é diferente a lealdade de Dom Giussani para com o que é testemunhado no Evangelho). E como permanece essa diversidade? É impressionante percebermos o que acontece todos os dias na liturgia. A Igreja nos faz ler os Atos dos Apóstolos, onde se narram os fatos, os milagres, a diversidade humana que permanece, a mudança das

<sup>51</sup> L. Giussani, *Avvenimento di libertà*, Gênova: Marietti, 2002, p. 188.

<sup>52</sup> L. Giussani, “Algo que vem antes”, op. cit., p. 2.

<sup>53</sup> *Mc* 1,22.

<sup>54</sup> *Mc* 1,27.

pessoas que acontece; e ao mesmo tempo nos faz escutar – no Evangelho – os relatos das aparições de Jesus. São duas realidades que se iluminam reciprocamente: é como dizer que a ressurreição verdadeira, real, se vê não só pelas aparições de Cristo (que não são alucinações de visionários dos apóstolos, mas são verdadeiras aparições, como demonstram os fatos que lemos nos Atos dos Apóstolos). E para não ficarmos nos fatos, pensando que não tenham a ver com Cristo, a liturgia da Igreja junta o relato das aparições: para que vejam que os fatos que escutam são a documentação da Sua presença. Que educação a Igreja nos oferece todos os dias! Aquilo que Dom Giussani nos diz nada mais é senão a documentação daquilo que o cristianismo é.

Agora podemos entender melhor o alcance metodológico do título dos Exercícios, “Da fé, o método”, porque a única possibilidade para não sucumbir a ser escriba, para não sucumbir às interpretações, é a permanência de Cristo no tempo, a Sua contemporaneidade: ou o cristianismo é acontecimento a cada momento, ou não é mais cristianismo. Estaríamos falando de uma outra coisa, porque as escrituras (os Atos dos Apóstolos, os Evangelhos) permanecem como o cânone daquilo que sempre será o cristianismo: se não for assim, não é cristianismo, mesmo que usemos as mesmas palavras.

De forma análoga, acontece o mesmo entre nós. A morte de Dom Giussani poderia ter-nos feito pensar em continuar apenas com o seu discurso ou com os seus textos. Ao invés, cada um de nós pode ver o que está acontecendo: testemunhas e fatos. E essa é a modalidade como permanece e continua a nos acompanhar e a nos gerar como filhos, até o ponto de hoje o sentirmos mais pai do que nunca. É bem diferente do que só um texto, do que só uma lembrança! Isso não pode e não deve querer dizer desprezar, desvalorizar ou esvaziar o passado que me trouxe até aqui. Isso pertence a um único desígnio. O carisma de Dom Giussani vive agora pela força do Espírito, mas a pessoa de Dom Giussani não pertence ao passado.

Cientes disso, podemos enfrentar uma falsa questão que muitas vezes reaparece entre nós. A pergunta: “Como permanece?” muitas vezes carrega em si uma incerteza. O “como permanece”, na verdade, significa para nós: “Como eu o faço permanecer? Como faço para fazer permanecer o acontecimento que me tomou?”. No encontro com os professores, por exemplo, muitos, para explicar a expressão “como permanece?” diziam “como fazer para que essa coisa permaneça?”. E essa pergunta não é a mesma! Dom Giussani viveu sem jamais se colocar o problema de “como fazer permanecer”. Justamente aqui está a nossa

insegurança. Estou marcado com um fato que antes tinha me escapado lendo *Algo que vem antes*. Se vocês olharem atentamente aquele texto, em Dom Giussani não há sinal dessa preocupação. Em Dom Giussani o “como permanece?” é uma pergunta que parte de uma certeza, como para nos ajudar a entender: “Vejam como permanece!”, não como discurso, não como organização, mas como evento de uma humanidade mudada. E repete incansavelmente que o método é sempre o mesmo: deparar-se com uma diversidade humana, sem jamais enfrentar aquela que, ao contrário, é a nossa preocupação constante: “Como faço para que permaneça?”. Insistir nessa pergunta mostra mais uma vez que somos incertos, que não entendemos o que aconteceu, que para nós a fé não é um percurso de conhecimento, que existe ainda a fratura entre o saber e o crer. Continuamos a achar que somos nós a gerar, a segurar a onda, e que precisamos nos preocupar com isso.

Em “como permanece” pensa Cristo ressuscitado! Esse problema não é nosso. A nós cabe reconhecê-Lo toda vez que acontece na nossa vida. Por isso o cristianismo vivido assim é uma coisa de arrepiar. E assim desafia constantemente a nossa liberdade, por meio dessa diversidade presente. Essa diversidade é um bem, é um sinal da preferência que Cristo tem por nós, não é algo de que a pessoa precise se defender. Essa contemporaneidade desafia cada um de nós colocando-nos diante desta alternativa: ou agarrar-se ao já sabido (considerando o passado como um ídolo), quer dizer à posse de certos textos e de um certo pensamento, ou abrir-se ao imprevisível de como acontece agora, ficando disponíveis para seguir aquilo que Cristo faz hoje (a modalidade sempre nova com a qual se manifesta). Essa é a verdadeira decisão, porque frente ao novo há sempre o risco do medo do novo. Mas nós – amigos, sejamos sinceros – na maioria das vezes nos defendemos da novidade. Quando alguma coisa se move, quando uma novidade se mostra no horizonte, logo nos retraímos. Mas justamente isso é Cristo: o novo todos os dias da vida.

Por isso não existe descrição mais precisa da alternativa frente à qual nos encontramos do que a parábola dos dois filhos:

“Jesus voltou ao templo. Enquanto ensinava, os sumos sacerdotes e os anciãos do povo aproximaram-se dele, perguntando: ‘Com que autoridade fazes essas coisas? Quem te deu essa autoridade?’. Jesus respondeu-lhes: ‘Eu também vou fazer-vos uma só pergunta. Se me responderdes, também eu vos direi com que autoridade faço isso. De onde era o batismo de João, do céu ou dos homens?’ Eles ponderavam entre si: ‘Se respondermos: ‘Do céu’, ele nos dirá: ‘Por que não acreditastes nele?’ Se respondermos: ‘Dos homens’, ficamos com medo do povo, pois todos

têm João em conta de profeta'. Então responderam-lhe: 'Não sabemos'. Ao que ele retrucou: 'pois eu também não vos digo com que autoridade faço essas coisas'. [ E acrescenta esta parábola:] 'Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro, disse: 'Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha!' O filho respondeu: 'Não quero'. Mas depois mudou de atitude e foi. O pai dirigiu-se ao outro filho e disse a mesma coisa. Este respondeu: 'Sim, senhor, eu vou'. Mas não foi. Qual dos dois fez a vontade do pai?' Os sumos sacerdotes e os anciãos responderam: 'O primeiro'. Então Jesus lhes disse: 'Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas vos precedem no Reino de Deus [o que significa isso? Ele está se dirigindo aos sumos sacerdotes e aos anciãos, que são aqueles que falaram no início sim, e depois disseram não a Cristo; ao invés, os outros disseram não, fizeram sempre pouco caso da lei, mas diante d'Ele disseram sim]. Pois João veio até vós, caminhando na justiça, e não acreditastes nele. Mas os publicanos e as prostitutas creram nele. Vós, porém, mesmo vendo isso, não vos arrependestes, para crer nele"<sup>55</sup>

Nós, como os sumos sacerdotes, corremos esse risco. Precisamos decidir, porque nós, assim como eles, poderíamos pensar: "Já sabemos o caminho. Por que deveríamos acreditar Neste?". Ou podemos ser como os publicanos frente ao que acontece, porque a história que vivemos nos trouxe até aqui para nos educar a ficar diante do Mistério que acontece agora, que vem ao nosso encontro agora. Se não estamos disponíveis para o que acontece agora, a nossa história em vez de ajudar, atrapalha, porque somos dominados por uma posse mais do que por uma abertura. Dessa forma, entende-se o alcance do chamado de Cristo:

"Naquela ocasião, Jesus pronunciou estas palavras: 'Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar. Vinde a mim, todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e sede discípulos meus, porque sou manso e humilde de coração, e *encontrareis descanso* para vós. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve"<sup>56</sup>

Os simples são os verdadeiros sábios, os verdadeiros inteligentes: são aqueles nos quais o passado produziu o fruto de uma abertura, de

<sup>55</sup> Mt 21,23-32.

<sup>56</sup> Mt 11,25-30.

uma educação a estar diante daquele acontecimento que se dá agora. Por isso, a verificação desse passado se realiza sempre no presente. Mas eu estou disponível à modalidade com a qual o Mistério, por meio do carisma, documenta-se diante de mim agora? Esse é o verdadeiro desafio que Dom Giussani nos lança: permanece por meio da mesma modalidade, da diversidade humana que acontece agora. Estamos disponíveis?

**b) Não intérpretes, mas testemunhas**

Por isso, a consciência do método da fé nos faz entender que aquilo de que temos necessidade não é de intérpretes, mas de testemunhas: não precisamos de alguém que nos explique, mas de alguém que nos testemunhe a mudança que se dá agora. Do contrário, continuamos presos nos nossos pensamentos. Como vimos nesses meses, podemos até fazer Escola de Comunidade, mas contra o método que a Escola de Comunidade nos documenta.

“Nesse sentido, então, o aspecto primordialmente importante da ‘Escola de Comunidade’ é alguém que ‘ensine’: alguém – ou algumas pessoas – em quem o impacto inicial se renove e se dilate, oferecendo-se como ponto de partida para que a primeira surpresa se repita nos outros. É preciso que quem guia a ‘Escola de Comunidade’ comunique uma experiência na qual se renove o maravilhamento inicial, e não, em vez disso, exerça um papel ou uma ‘tarefa’. Não pode ser comunicação de uma experiência uma postura que parte de um conhecimento de si mesmo como papel, que é motivada por uma visão de si mesmo como domínio e superioridade [justamente, como os escribas], com a pretensão de ensinar. Pois só o Espírito de Deus ensina: é o Espírito que gera o primeiro sobressalto e que o renova. Alguém que, guiando a ‘Escola de Comunidade’, comunica uma experiência na qual reaconteça a surpresa inicial desenvolve essa comunicação dando razão das palavras que são usadas”.<sup>57</sup> Isto porque no cristianismo o conteúdo e o método coincidem, como reforçou recentemente Bento XVI: “No mistério da encarnação do Verbo, ou seja, no fato de que Deus se fez homem como nós, encontram-se quer o conteúdo quer o método do anúncio cristão”.<sup>58</sup> E isto é o que poderia responder também à necessidade que possuem as pessoas que nós encontramos. Porque assim nós também podemos nos tornar testemunhas. Somente isso torna o cristianismo presente como acontecimento para todos hoje. O Evan-

<sup>57</sup> L. Giussani, “Algo que vem antes”, op. cit., p. 4.

<sup>58</sup> Bento XVI, *Discurso durante a audiência concedida à Congregação para o Clero*, 16 de março de 2009.

gelho descreve essa dinâmica quase *en passant*: “Todos os publicanos e pecadores aproximavam-se de Jesus para o escutar”.<sup>59</sup> Era uma atração vencedora o que tornava Jesus assim: não se afastavam, aproximavam-se. Parece banal pensar nisso, mas aí está tudo. Na maneira de se colocar, de viver, de ficar na realidade as pessoas se aproximavam. Parece nada, quase um broto, mas foi a origem dessa diversidade que chegou até aqui, até cada um de nós. A Sua presença permanece na história por meio de quem vive assim, de quem possui essa atração na maneira de viver. O Concílio Vaticano II disse isso falando das testemunhas: “É sobretudo na vida daqueles que, participando conosco da natureza humana, se transformam, porém, mais perfeitamente à imagem de Cristo [...], que Deus revela aos homens, de maneira mais viva, a Sua presença e a Sua face. Neles nos fala, e nos dá um sinal do Seu reino, para o qual, rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas e tendo uma tal afirmação da verdade do Evangelho, somos fortemente atraídos”.<sup>60</sup> Diz isso da testemunha, que é aquele que traduz o que diz o Evangelho. Como narram alguns dos belíssimos testemunhos do livro *Liberi* de Giovanna Parravicini, como aquele sobre uma pessoa que tinham de mudar de prisão em prisão porque depois de certo tempo até os guardas se convertiam ao cristianismo. Ou imaginem um juiz de esquerda que leva a mãe para uma obra dos nossos amigos porque “ninguém trata as pessoas da forma como vocês tratam”. Ou ainda o testemunho dos chineses budistas que, admirados com a beleza da vida dos cristãos numa paróquia, pedem para fazer na igreja o funeral de um deles. São todos testemunhos no presente daquela atração, de como permanece. E aqui Charles Péguy nos deu a descrição perene do método cristão: “Veio Jesus. Ele tinha de cumprir três anos. Ele cumpriu os seus três anos. Mas ele não perdeu os seus três anos, ele não os gastou gemendo e interpelando a doença e a desgraça dos tempos. [...] Ele foi direto ao ponto. Oh, de um jeito muito simples. Fazendo o cristianismo. Inserindo o mundo cristão. Ele não incriminou, ele não acusou ninguém. Ele salvou”.<sup>61</sup>

### **c) Seguimento e obediência**

A condição para se tornar testemunha é seguir, porque a testemunha é quem segue o que acontece. É isso que toca lendo e escutando os Atos dos Apóstolos. Depois da cura do aleijado, Pedro e João foram levados ao

<sup>59</sup> Lc 15,1.

<sup>60</sup> Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*, n. 50.

<sup>61</sup> C. Péguy, *Lui è qui*, Milano: BUR, 1997, p. 110.

Sinédrio. “Então, Pedro, cheio do Espírito Santo, disse-lhes: ‘Chefes do povo e anciãos, hoje estamos sendo interrogados por termos feito o bem a um enfermo e pelo modo como foi curado. Ficai, pois, sabendo todos vós e todo o povo de Israel: se este homem está curado diante de vós, é por meio do nome de Jesus Cristo, o Nazareno, que vós crucificastes e que Deus ressuscitou dos mortos”.<sup>62</sup> Diante da tentativa de impedi-los de dizer essas coisas, Pedro e João não cedem: “Então os mandaram sair do Sinédrio e começaram a discutir entre si: ‘Que vamos fazer com esses homens? Eles realizaram um milagre notório, e o fato tornou-se de tal modo conhecido por todos os habitantes de Jerusalém que não podemos negá-lo. Contudo, a fim de que o assunto não se espalhe ainda mais entre o povo, vamos intimidá-los, para que não falem mais a ninguém a respeito desse nome’. Chamaram de novo Pedro e João e ordenaram-lhes que, de modo algum, falassem ou ensinassem em nome de Jesus. Pedro e João responderam: ‘Julgai vós mesmos se é justo, diante de Deus, que obedeçamos antes a vós do que a Deus! Quanto a nós, não nos podemos calar sobre o que vimos e ouvimos’”.<sup>63</sup>

Obedecer, para eles, significa o quê? Reconhecer o que viram e ouviram: não significa “ser bonzinhos”, mas reconhecer o que viram e ouviram, isto é, que Deus age entre eles. Os discípulos continuavam a tomar parte no evento de Cristo por meio daquilo que acontecia na sua contemporaneidade. O milagre testemunhava que Cristo permanecia presente, mas com uma modalidade totalmente diferente: por meio do milagre, não por meio da Sua presença terrena nem por meio de uma aparição. E é marcante como os discípulos sejam disponíveis ao reconhecimento d’Ele em ação. Como diz Dom Giussani: “É necessário ‘algo que vem antes’, algo do qual todas essas coisas são apenas instrumento de desenvolvimento. É preciso recontar aquilo que lhes aconteceu [...] no início; não ‘como’ aconteceu no início, mas ‘o que’ aconteceu no início: o impacto com uma diversidade humana, em que o mesmo acontecimento que as moveu na origem se renova”.<sup>64</sup> Só assim, seguindo, nós continuamos a ser testemunhas no presente daquilo que acontece agora.

“Não existe companhia a não ser na obediência. [...] A companhia não é feita por quem conduz; a companhia é feita pelo Espírito, que é suscitado no coração de qualquer um, e pode ser mais rica uma criança

---

<sup>62</sup> At 4,8-10.

<sup>63</sup> At 4,15-20.

<sup>64</sup> L. Giussani, “Algo que vem antes”, op. cit., p. 4.

do que eu, mas [ousa dizer] quem conduz sou eu”.<sup>65</sup> Não devemos nos escandalizar com essas palavras de Dom Giussani, porque ele sempre hostilizou qualquer tentação de personalismo na forma de conceber a obediência (o personalismo é a desgraça de qualquer tipo de associação humana), ensinando-nos que seguir não é seguir a pessoa, mas a experiência que aquela pessoa vive. Isto nos liberta da pessoa à qual obedecemos.

## 2. A flor da esperança

O sinal da superação da fratura entre saber e crer é, portanto, alcançar uma certeza que possa sustentar a vida. E isto se vê pela esperança. “Se a fé é reconhecer uma Presença certa, se a fé é reconhecer com certeza uma Presença, a esperança é reconhecer uma certeza no futuro que nasce dessa Presença”.<sup>66</sup> Da fé nasce, como uma flor, a esperança. São tantos os sinais entre nós dessa esperança, mas desde o início da Escola de Comunidade apareceu com clareza a ambiguidade na forma de conceber a esperança. Muitas colocações na Escola de Comunidade mostraram que a esperança é concebida como uma capacidade nossa, um resultado dos nossos recursos, tanto é que assim que chegamos à consciência de que não damos conta, a esperança desmorona, porque o ponto de apoio sou eu. Vocês veem? Usamos a Escola de Comunidade contra aquilo que a Escola de Comunidade testemunha. Sendo que o livro da Escola de Comunidade não pode protestar contra a redução a que o submetemos, são necessárias testemunhas que possam lutar contra essa redução. Sem isso, quando vemos desmoronar os nossos recursos, permanece apenas o “Quem sabe?”, porque “o termo da segurança natural é esse ‘Quem sabe?’”.<sup>67</sup> Como é verdade o que diz Péguy: “Para esperar, [...] é preciso ter alcançado, recebido uma grande graça”!<sup>68</sup> Por isso a esperança é o teste da fé, do ter recebido a graça da fé, ou seja, de ter reconhecido uma Presença presente.

O Papa nos lembrou isso no dia de Páscoa:

“A todos vós formulo cordiais votos de Páscoa com as palavras de Santo Agostinho: *‘Resurrectio Domini, spes nostra* – a ressurreição

<sup>65</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria*, op. cit., p. 110.

<sup>66</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 151.

<sup>67</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 186.

<sup>68</sup> C. Péguy, *I Misteri*, Milano: Jaca Book, 1978, p. 167.



do Senhor é a nossa esperança' (Agostinho, *Sermão* 261, 1). Com esta afirmação, o grande Bispo explicava aos seus fiéis que Jesus ressuscitou para que nós, apesar de destinados à morte, não desesperássemos, pensando que a vida acaba totalmente com a morte; Cristo ressuscitou para nos dar a esperança [...]. A ressurreição não é uma teoria, mas uma realidade histórica revelada pelo Homem Jesus Cristo por meio da sua 'páscoa', da sua 'passagem', que abriu um 'caminho novo' entre a terra e o Céu (cf. *Heb* 10, 20). Não é um mito nem um sonho, não é uma visão nem uma utopia, não é uma fábula, mas um acontecimento único e irrepetível: Jesus de Nazaré, filho de Maria, que ao pôr do sol de Sexta-feira foi descido da cruz e sepultado, deixou vitorioso o túmulo. De fato, ao alvorecer do primeiro dia depois do Sábado, Pedro e João encontraram o túmulo vazio. Madalena e as outras mulheres encontraram Jesus ressuscitado; reconheceram-No também os dois discípulos de Emaús ao partir o pão; o Ressuscitado apareceu aos Apóstolos à noite no Cenáculo e depois a muitos outros discípulos na Galileia. [...] É um fato que, se Cristo não tivesse ressuscitado, o 'vazio' teria levado a melhor. Se abstraímos de Cristo e da sua ressurreição, não há escapatória para o homem, e toda a sua esperança permanece uma ilusão".<sup>69</sup>

Se nós não podemos conhecer realmente que Cristo ressuscitou, se não podemos vencer a fratura entre o saber e o crer, não existe a possibilidade da esperança. Se não existe esse conhecimento da realidade, da ressurreição como fato real, documentada pela mudança que nós podemos ver agora como viam aqueles que encontraram Pedro e João, não existe a possibilidade da esperança.

É só porque Cristo ressuscitou, porque existe, que agora podemos olhar no rosto a grande pergunta: "Esses desejos serão satisfeitos, sim ou não? Este é o ponto. Esses desejos, feitos segundo as exigências do coração [desejos do infinito], podem estar certos de serem realizados [...] só na medida em que – não é fácil dizer! – uma pessoa confia no conteúdo da fé, só na medida em que se abandona, confia e se abandona à Presença que a fé indicou [a presença de Cristo ressuscitado]".<sup>70</sup> Isto significa que o meu desejo se realiza só na medida em que eu me abandono à Presença que a fé reconheceu. As exigências do coração dizem que o objeto do coração existe; mas a certeza de que isso acontecerá não pode ser sustentada pelo nosso coração, a certeza de que isso acontecerá pode derivar somente da Presença reconhecida por meio da fé. Não somos nós, mas

<sup>69</sup> Bento XVI, *Mensagem Urbi et Orbi*, Páscoa 2009.

<sup>70</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 159-160.

é Ele, é a Presença excepcional que a fé reconhece. Portanto, a forma da resposta ao desejo de cada um de nós é o próprio Cristo: Cristo é a única esperança de realização da nossa afeição. Só Ele, só Ele é capaz de esgotar, de satisfazer realmente a afetividade, o desejo de felicidade que carregamos, nada mais é capaz de nos satisfazer realmente. Por isso a esperança é a realização da afeição. Todos os homens ardem do desejo, mas como é difícil encontrar alguém que diga: “Sois vós, ó Senhor o meu Deus! Desde a aurora ansioso vos busco! A minh’alma tem sede de vós, minha carne também vos deseja, como terra sedenta e sem água!”<sup>71</sup> Consciente de que somente Ele é capaz de realizar esse desejo. Por isso é necessário festejar Cristo, pois Cristo existe! Dom Giussani diz que “a primeira coisa a que vocês devem se ajudar é festejar a evidência de que existe um termo último de felicidade que se tornou homem, isto é, Cristo; que Cristo existe”.<sup>72</sup> E quem pode festejar realmente não de um jeito formal? Aquele que se dá conta de qual é a verdadeira natureza do desejo do coração (como falávamos nesta manhã).

Mas uma das maiores dificuldades que encontramos na Escola de Comunidade foi a passagem que fala da “inevitável incerteza”. Dom Giussani, que não nos esconde nada do caminho humano, afirma que “a certeza da fé gera a certeza da esperança, mas a modalidade com que a certeza da esperança é suscitada em nós deixa algo vago, uma espécie de inquietação, uma espécie de dúvida, que não é a dúvida, que é incerteza, porque não se consegue imaginar, não se consegue delinear de jeito nenhum como será esse futuro”.<sup>73</sup> Por isso aparece essa inevitável incerteza, porque existe essa passagem, essa distância entre o momento no qual se introduz a esperança no encontro com essa Presença e o momento no qual se realiza. Vimos na música *Il monologo de Giuda*: “Depois passavam os dias/ e o seu reino não chegava/ eu já lhe tinha dado tudo/ e ele me traía”.<sup>74</sup> Judas tinha a sua imagem de como Jesus devia realizar a esperança que tinha suscitado nele. “Mas o tempo de brotar a semente/ é o Senhor que sabe”,<sup>75</sup> nós cantamos.

Por isso a alternativa é entre abandonar-se ou buscar por nós mesmos a solução. “Ao passo que a vida que se abandona à força do destino que se revelou em Cristo, que se abandona à força de Cristo, é uma vida

<sup>71</sup> Sl 63,2.

<sup>72</sup> L. Giussani, *Affezione e dimora*, Milano: BUR, 2001, p. 38.

<sup>73</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 167.

<sup>74</sup> C. Chieffo, “Il monologo di Giuda”, em Livro de cantos de Comunhão e Libertação (livrinho verde), p. 291.

<sup>75</sup> C. Chieffo, “Il seme”, em Livro de cantos de Comunhão e Libertação (livrinho verde), p. 293.

onde a letícia predomina. [...] A alternativa a isto, uma vez que esse abandono e certeza não existem, é a lamentação. Mas não a lamentação que rasga o coração da criança que sofre; é a lamentação que embarça o coração e o ouvido de quem escuta, torna pesada a vida de todos os que nos circundam e a nossa vida se torna uma condenação para os outros, até para os outros: [...] a vida-lamento”.<sup>76</sup> Precisamos decidir se nos abandonarmos a essa Presença reconhecida pela fé, que realiza o desejo, a promessa, segundo um desígnio que não é o nosso, ou à lamentação. A respeito disso, precisamos nos acompanhar e nos ajudar.

Como?

“O lugar desse acontecimento [da esperança] é uma companhia eclesial; eclesial quer dizer gente que se junta por isto: por Cristo. A nossa companhia é só amizade”.<sup>77</sup> Mas prestemos atenção em como Dom Giussani concebe a relação entre essa companhia e o nosso empenho humano:

“A certeza daquilo que você encontrou é inteligente – ciente dos seus motivos, do seu valor, daquilo que diz e daquilo que vale – ou é sem inteligência – não sabe o valor das palavras, não entende –. Neste segundo caso, você tem medo do futuro [percebem? Se não se entende, se a fé não é conhecimento, a pessoa tem medo do futuro]. Falei disso quando fiz a comparação da companhia em oposição à utopia. Se você vive a companhia como utopia, [...] você tem medo do futuro: ‘Quem sabe se é verdade ou não’. Se ao invés você vive a companhia como lugar reconhecido, [atenção!] onde a razão e a liberdade encontram a sua defesa, o seu apoio, a sua explosão, aí não, pelo contrário!”.<sup>78</sup> Aí então o medo não vence. A companhia não deve nos poupar a razão e a liberdade: deve ser o lugar onde elas encontram a sua defesa, o seu apoio. “Se a companhia é olhada como lugar de relacionamento com Cristo, então a companhia deixa você certo; se a companhia não é olhada assim, ela o deixa como um pobre homem iludido: a utopia. [...]E] então, no desastre geral, na confusão geral, na falta de certezas, na falta de positividade de hoje, na falta de ideais, na aridez de hoje, a única coisa que o homem pode imaginar que lhe dê conforto é juntar-se com. Como dizia Eliot: ‘juntar-se com os outros’. Existe um coro de *A Rocha*, de Eliot, onde se pergunta: ‘Que significado tem esta cidade que construístes? Nos juntamos uns com os outros’, de modo que a tepidez animal abrande um

<sup>76</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?* op. cit., p. 183.

<sup>77</sup> L. Giussani, *Si può (veramente!?) vivere così?*, op. cit., p. 267.

<sup>78</sup> L. Giussani, *Si può (veramente!?) vivere così?*, op. cit., p.286.

pouco o frio da insignificância do viver”<sup>79</sup>. Existe uma maneira de ficar junto que não é justa, que não é adequada. Por isso devemos ficar junto para nos ajudar nesse reconhecimento, nessa defesa da razão que nos permite superar a fratura entre o saber e o crer, para que cada um chegue à certeza que lhe permita ser certo de que Aquele que começou a “boa obra a levará a cumprimento até o dia de Cristo Jesus”.<sup>80</sup>

### 3. Cultura e missão

Mas – vou só acenar, amanhã voltaremos a isso – a superação última da fratura entre saber e crer está no modo de conceber a nossa expressão cultural, a cultura. Se vocês quiserem entender se em vocês a fé é verdadeiro conhecimento, se foi superada a fratura entre saber e crer, basta observar como entramos na realidade, como olhamos as coisas, como nos relacionamos com tudo. Esse olhar para as coisas e para as circunstâncias é o que chamamos de cultura, o ponto de vista a partir do qual vivemos tudo. Portanto, a cultura é o teste da vitória ou não sobre a quebra entre o saber e o crer. Se permanece o dualismo entre saber e crer na maneira de olhar a mulher, ou a doença, ou a crise, ou o trabalho, então quer dizer que somos como todos. Se o que domina esse olhar é aquela novidade que se introduziu na fé, aí então a vida é outra coisa.

“Uma cultura só pode nascer de um gosto por viver. [...] Nós fazemos cultura de Comunhão e Libertação, fazemos cultura cristã, cultura nova [...] exclusivamente na medida em que a nossa experiência de vida floresce. Não é antes de tudo questão de uma capacidade de erudição ou de conteúdos novos ou de imagens estranhas e diferentes a serem criadas; é questão de consciência [que se expressa em tudo com o que nos relacionamos]”.<sup>81</sup> Eis: “Para testemunhar ao mundo, para viver a missão, precisamos mostrar que mudamos, não existe outra forma”.<sup>82</sup>

Concluo com Péguy: “Deus *precisa* de nós, Deus *precisa* da sua criatura. Ele se condenou, condenou-se a isso. Ele carece de nós, carece da sua criatura. Aquele que é tudo precisa daquilo que é nada. Aquele que tudo pode precisa daquilo nada pode. Ele anulou os seus plenos poderes. Aquele que é tudo, é nada sem aquele que nada é”.<sup>83</sup>

<sup>79</sup> L. Giussani, *Si può (veramente!?) vivere così?*, op. cit., p.287.

<sup>80</sup> *Fl* 1,6.

<sup>81</sup> L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza*, Milano: BUR, 2006, p. 33-34.

<sup>82</sup> L. Giussani, *Affezione e dimora*, op. cit., p. 133.

<sup>83</sup> C. Péguy, *I Misteri*, op. cit., p. 233.

# *Domingo, 26 de abril, manhã*

*Na entrada e na saída:*

*Wolfgang Amadeus Mozart, Grande Missa em Dó menor, K 427*

*Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker*

*“Spirto Gentil” n. 24, Deutsche Grammophon*

**Padre Pino.** Não sabemos como se passou há dois mil anos, a que hora, em que recanto da casa de Nossa Senhora, mas no nosso nada, na nossa necessidade de significado, de verdade, de afeição, de positividade, estamos humildemente certos que aquilo que acontece agora é aquilo que começou nesse instante. Não “como” aconteceu, mas “aquilo que” aconteceu acontece.

*Angelus*

*Laudes*

## ■ ASSEMBLEIA

**Davide Proserpi.** Chegaram muitas perguntas e constatamos que a maioria delas convergia fundamentalmente para três questões: primeiro, o que é correspondência; segundo, um pedido de aprofundamento sobre um ponto repetido várias vezes nas duas palestras, ou seja, que falta o humano; terceiro, o trabalho de ascese. Evidentemente, isso impressiona porque, repensando a caminhada feita nesses anos com a insistência contínua sobre o eu, é de se perguntar: por que continuamos sem entender?

Então, começo logo pela primeira pergunta: “Compreendemos o que não é a correspondência, intuímos que o que corresponde instintivamente deve ser submetido a um juízo para se tornar experiência. O que é, então, a correspondência?”

**Julián Carrón.** Nós procuramos explicar o que é experiência porque, se não gastarmos tempo para compreender o que é, ficamos sem o instrumento para se fazer um caminho humano. É daí que provêm todos os problemas, do modo como fazemos a Escola de Comunidade, no modo como vivemos. Assim nada é útil, porque se tudo o que vivemos

não é julgado – e não se entende como será possível julgar sem ver a correspondência ou não –, então não fazemos um caminho humano.

Eu lembro que essa, para mim, talvez tenha sido a questão mais relevante do encontro com o Movimento: que colocava em minhas mãos um instrumento para fazer o meu caminho humano. Sem isso, não se compreende nem mesmo a fé. Portanto, gastemos um pouco de tempo para recomençar a partir daí. Porque não se trata da última nota da última página do vigésimo livro de Dom Giussani. Está no início do *PerCurso*: o que é a experiência<sup>84</sup>.

Então, utilizando os meios técnicos adequados, vamos tentar explicar. Estamos voltando à escola, amigos!

#### EXPERIÊNCIA

A experiência, diz Dom Giussani (como ouvimos ontem), em geral nós nos limitamos ao provar algo. Isso me parece que, pela pergunta, se entende: para que haja experiência não basta provar.

#### PROVAR

Aos meus alunos eu costumava dar este exemplo: imaginem que estamos aprendendo a resolver um certo problema de matemática e o professor, depois da explicação, nos passe um exercício para ser feito em casa. Vocês se lembram como faziam, quando eram pequenos? Levavam a tarefa para casa e tentavam resolver o problema. Terminado, vocês tinham certeza de ter resolvido o problema de modo correto? Evidentemente que não. E fazendo o exercício cinco vezes, em vez de uma, vocês tinham certeza de que a quinta tentativa era melhor do que a primeira? Não. E fazendo duzentas mil vezes? Não. O que isso quer dizer? Que só fazendo tentativas (isto é, tentando duzentas mil vezes resolver o problema) eu não tenho certeza de que aprendi alguma coisa.

A vida pode se tornar algo assim: um conjunto de tentativas, das quais não aprendemos nada. Entendem por que Dom Giussani insiste? Se nós ficarmos apenas no provar, não aprenderemos nada da vida, não fazemos experiência.

Para que a tentativa se torne experiência é preciso – segundo fator – emitir um juízo.

<sup>84</sup> Cf. L. Giussani, *Il senso religioso*, op. cit., pp. 3-15.

## PROVAR + EMITIR UM JUÍZO

Continuemos com o nosso exemplo: voltávamos no dia seguinte à escola e fazíamos a comparação entre a tentativa que fizemos e a solução ilustrada pelo professor na lousa. Assim fazíamos a comparação entre a nossa tentativa (a nossa prova) e a resposta correta. Sem esse juízo eu não aprendo, não posso ter certeza do resultado.

Está claro até aqui? Então é possível entender por que Dom Giussani insiste no fato de que não podemos aprender nada, não podemos fazer verdadeiramente experiência, se ficamos apenas na tentativa e não emitimos um juízo a respeito do que foi provado.

Mas para emitir um juízo – evidentemente – precisamos de um critério de juízo.

## CRITÉRIO DE JUÍZO

No nosso exemplo, quem dava o critério de juízo? O professor.

Mas aí surge a grande questão abordada por Dom Giussani: existe um professor que possa me dar o critério de juízo para aquilo que eu provo na vida? Se algum guru tem essa pretensão, é um presunçoso e está de brincadeira! Seria como dizer: “Pobrezinho, você não entende nada, então eu vou dizer como é”. É o que acontece quando entregamos a outra pessoa a tarefa de definir o critério de juízo. E se fizermos isso, nos tornaremos escravos desse alguém; ficaremos alienados, segundo explica Dom Giussani. Por isso podemos defender a pessoa, podemos defender todos os direitos do homem, tudo o que quiserem, mas se tirarmos da pessoa o critério de juízo, a teremos despojado da sua dignidade. Porque é como dizer: “Você é um bobo; eu lhe explico tudo”. Há um modo de estarmos juntos que pode parecer isso: “Você não entende, deixe que eu lhe explico”. Isso não é bom, porque faz com que as pessoas fiquem infantis, alienadas, que precisam sempre consultar o chefe. Eu não faço parte desse tipo de movimento! Porque vai contra o critério de juízo da primeira página do *PerCurso*, entendem? Ou seja, vai contra o que Dom Giussani propôs.

Então, qual é o critério de juízo? O critério de juízo não pode estar fora de nós, porque do contrário ficamos alienados. Então, o critério de juízo tem uma primeira característica: ele está dentro de nós.

## CRITÉRIO DE JUÍZO

- Dentro de nós

Vou dar alguns exemplos, porque assim todos entendemos.

Digamos que Davide, por má sorte, teve que engessar o braço. Vai ao médico e diz: “Olhe, doutor, o gesso me incomoda demais, tenho muita dor”. O médico lhe responde: “Não dói, não. É impossível doer: sou o Prêmio Nobel do gesso! É impossível que ele provoque dor”. Por acaso Davide voltaria para casa e diria “Não dói, mesmo; é o Prêmio Nobel do gesso quem está dizendo”? Posso até ser meio bobo, mas sei muito bem quando dói, certo? O critério está dentro de mim, não em algum guru ou algum especialista, fora de mim. Tanto é verdade que se o doutor insistir, vou atrás de outro médico! É uma outra pessoa quem tem de me dizer quando algo provoca dor ou eu – mesmo sendo meio bobo – é que a sinto?

Alguém poderia objetar: “Tá certo, o exemplo do gesso é muito fácil, dá pra entender, mas e quanto à liberdade?”. Se alguém vem até mim e me diz que liberdade é eu ficar na prisão pelo resto da minha vida, porque no último congresso de filosofia os maiores gênios do universo estabeleceram isso, o que aconteceria? Eu iria para a prisão? Sabemos todos o que é a liberdade, mas apesar disso partiríamos para a cadeia porque os maiores sábios deram essa definição de liberdade?

Poderíamos ficar aqui até meia-noite dando outros muitos exemplos.

O critério está dentro de nós.

Então – e aqui vem a segunda característica – cada um decide a seu bel-prazer? Não. O critério está dentro de nós, mas não somos nós que o decidimos!

#### CRITÉRIO DE JUÍZO

- Dentro de nós
- Mas não somos nós que o estabelecemos

O critério de juízo não é decidido por nós. Nós não definimos – é o exemplo que sempre dou – nem mesmo o número de nosso sapato. O critério para definir o número de nosso sapato está dentro de mim, mas não sou eu que o estabeleço. Se pudéssemos decidir, imaginem que economia faríamos na liquidação (mas nem haveria liquidação, porque cada um adaptaria o critério de juízo)! A gente ri, mas é assim mesmo. É evidente que não somos nós que o estabelecemos, que precisamos nos submeter ao critério que encontramos dentro de nós: o único sapato que me serve é aquele que corresponde ao meu tamanho. Por isso, o critério está dentro de mim, está no meu pé; isso é



tão verdadeiro que quando calço um sapato menor, o pé grita: “Não é esse!”. Trata-se de um juízo: “Não é esse!”. Isso é objetivo ou somos nós que o decidimos (alguns me disseram que são eles que decidem: “Compro o sapato mais barato e, depois, talvez eles se ajustem”. Tudo bem, chegamos até a essa loucura, tamanha é a confusão!)? O critério de juízo está dentro de nós, mas não somos nós que o decidimos, ele é objetivo.

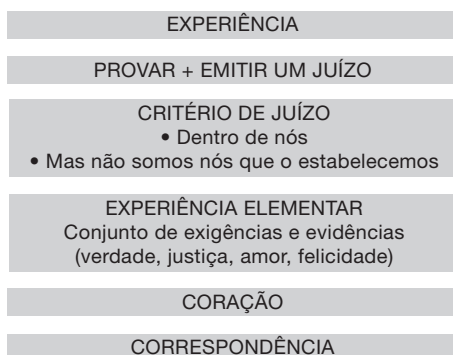
E qual é o critério de juízo que temos dentro de nós, que não foi decidido por nós para entrar em tudo e poder fazer experiência, ou seja, emitir um juízo sobre o que provamos? Dom Giussani o chamou de “experiência elementar”: o conjunto de exigências e de evidências que constituem o nosso humano (verdade, justiça, amor, felicidade).

EXPERIÊNCIA ELEMENTAR  
Conjunto de exigências e evidências  
(verdade, justiça, amor, felicidade)

Podemos usar sinteticamente a palavra bíblica “coração”, que não é somente – como costuma ser reduzida na linguagem comum – o sentimento, mas é esse conjunto de razão e sentimento. Justamente o que Dom Giussani compreende com o conjunto de exigências e evidências.

CORAÇÃO

Esse critério, a experiência elementar, é objetivo. E aí cada um pode descobrir em sua experiência exemplos dela. Quantas vezes já pensamos: se eu conseguisse aquele emprego, ou (quando éramos mais jovens) se eu pudesse ir àquela festa... Tantas vezes o trabalho ou a festa eram magníficos, mas mesmo assim voltamos para casa tristes. Como diz Giacomo Leopardi, em *A noite do dia de festa*: “Sinto que meu coração se aperta em mim”. Quantas vezes as coisas vão bem, temos tudo o que planejamos, mas isso não basta. Vocês não experimentam isso de vez em quando? Vejam como não é subjetivo! Literalmente como os sapatos: tão objetivo que, se eu não encontrar correspondência, não estarei bem. Por isso a palavra-chave é correspondência.



Tenho dentro de mim o critério para saber se uma coisa corresponde às exigências do meu coração. Mas com frequência nós paramos no provar (sinto saudade, desejo ter), e então dizemos: “Isso é aquilo que me corresponde”. E esse é o modo como se justifica entre nós qualquer instintividade (essa é a palavra). Mas isso é uma enganação, em primeiro lugar para você! Não só porque você está moralmente enganado: você erra moralmente porque isso não corresponde ao seu ser, mesmo que você pouco ligue para a moral! Porque o problema não é se importar com a moral; é que você acaba no niilismo! A moral é nada em relação ao niilismo no qual a pessoa mergulha, comparada com aquela evidência que carrega dentro de si.

Sentir saudade ou desejo de ter algo ainda não é experiência. Aí surgem as perguntas: mas isso é a felicidade? Isso coincide com as minhas exigências, com o critério que tenho dentro de mim? Como quando vamos provar os sapatos: eles correspondem às exigências dos meus pés?

A confusão que temos se vê claramente na maneira como nós usamos a palavra “correspondência”. Eu percebia muito bem isso quando me convidavam para celebrar um casamento, e no diálogo com os noivos ia ficando claro como, no fundo, cada um deles pensava que o outro o faria feliz. E, então, eu os levava a compreender que o outro não pode lhe fazer feliz, porque a sua exigência de felicidade – essa experiência elementar que você carrega em si, essa exigência de verdade, de beleza, de justiça – é maior do que todo o universo, e que provar a insuficiência e a nulidade é a questão mais importante da vida.

Entendem por que Dom Giussani nos convidava a ler Leopardi? Para compreender o que é essa exigência elementar, que Leopardi tinha tão

presente, tão carnalmente presente. Fico sempre maravilhado com o fato de Dom Giussani, com treze anos, não ter encontrado como companheiro de estrada ninguém além de Leopardi. Que experiência do seu ser humano tinha Dom Giussani para não encontrar outro companheiro de caminhada se não alguém que dizia algo assim: tudo é pouco, pequeno demais, para a capacidade da alma! E Dom Giussani sempre nos disse isso, mas nós não entendemos! Tudo é pouco, pequeno demais, para a capacidade da alma: a esposa, o trabalho, o sucesso, a política... Tudo é pouco, pequeno demais, para a capacidade da alma! Se não entendemos isso, somos iguais a todos. Por quê? Porque confundimos aquilo que nos agrada com aquilo que nos corresponde. E se nós não começarmos a julgar, logo em seguida nos enganaremos: não somente porque fazemos o mal ou porque não somos coerentes com uma norma moral. Você se engana – o que é pior – porque nunca corresponderá, nunca corresponderá à exigência de felicidade que você prova! Precisamos decidir se queremos levar a sério o desejo de felicidade, a experiência elementar que carregamos, se queremos levar a sério o nosso humano! Ou o que queremos é fazer – como todos – só aquilo que nos agrada? Para isso não seria precisamos vir até aqui e, sobretudo, depois, dizer que vou fazer porque “foi Carrón quem disse”! O que é isso?! A respeito da correspondência, só posso dizer aquilo que estou dizendo agora. Chega de brincadeira!

Vejam, então, o grande trabalho que temos pela frente se tivermos, de fato, esse mínimo de ternura por nós mesmos, esse amor por nós mesmos, se verdadeiramente queremos o nosso bem, a nossa felicidade, a felicidade dos nossos amigos, a felicidade dos nossos filhos, a felicidade do mundo. Se nós não fizermos experiência, não poderemos entender qual é a diferença entre qualquer coisa que passe pela nossa cabeça (as nossas imagens) e Cristo. Porque, no final, se o critério é somente aquilo que me agrada, Cristo se torna um pensamento que mais ou menos me agrada, e não Alguém que torna possível a correspondência de que falava Dom Giussani, a única verdadeira correspondência, aquela que é impossível ao homem que não O encontrou. Por isso é preciso celebrar Cristo, festejar Cristo.

Sem isso, é compreensível que fiquemos, muitas vezes, imersos na confusão a respeito do que encontramos. Pois ou não o experimentamos de fato ou estamos resistindo a reconhecer o que realmente nos corresponde e temos necessidade de justificar algum nosso impulso instintivo.

Está claro?

**Prosperi.** À luz do que foi dito, as próximas perguntas ficarão mais claras.

Segunda. “Falta o humano: essa expressão aparece várias vezes em suas palestras. E o que significa, ao contrário, ter o humano? Às vezes, essa palavra parece ter contornos muito confusos. O que nos ajuda a distinguir o humano, de que você fala, das contínuas imagens que inevitavelmente nos surgem?”

**Carrón.** A confusão, como veem, tem a ver com esse critério de juízo, porque este não emerge naquilo que eu provo, mas diante daquilo que eu provo, em mim humanamente empenhado naquilo que experimento. Para isso é preciso o humano. Se eu reduzo o meu humano somente àquilo que me dá na telha, a confusão só vai crescer.

Graças à correspondência, para além das imagens, a pessoa começa a ter um critério para julgar quando há verdadeiramente o humano e quando não há. Mas quantas vezes aconteceu de você voltar de uma festa ou de conseguir um emprego ou de terminar a faculdade e, mesmo assim, experimentar uma profunda insuficiência? É preciso que eu diga qual é a experiência que vocês fazem? Nós todos a compartilhamos, não é verdade?

A questão é se nós, quando percebemos isso, somos leais com a nossa experiência, com o que se manifesta na experiência. Porque para continuar indo atrás do que nos dá na telha devemos negar a experiência da não-correspondência. Não é que não estejamos com todos os alarmes acesos, mas todos! E estamos bem conscientes da diferença entre as imagens e o verdadeiro juízo de correspondência! É preciso que nos ajudemos nisso, que nos desafie constantemente sobre isso, porque do contrário permaneceremos sempre na confusão, tanto mais numa situação geral de que falávamos ontem. Por isso é preciso fazer um trabalho verdadeiramente importante. Se não começarmos a fazer experiência e a ser leais assim com a nossa experiência – para distinguir aquilo que me agrada daquilo que corresponde ao meu ser – afundaremos cada vez mais na confusão. E a coisa não é sem consequências: fazemos o que queremos e nos agrada e continuamos insatisfeitos; alcançamos o que desejamos, e não estamos contentes. Ou seja, falta a correspondência com o coração. Como distinguir? Distinguimos quando somos leais com a experiência. Não é o caso de eu explicar-lhes isso agora: cada um observe a própria experiência. Como no exemplo do gesso: não sou eu quem deve explicar-lhes se está doendo ou não. Cada um é que sabe se dói ou não, certo? Cada

um é que sabe se está satisfeito ou não. Você sabe quando se sente verdadeiramente realizado em sua vida ou não. Então, se nós não julgamos (não vemos o que realmente nos corresponde), permanecemos cada vez mais confusos.

**Prosperi.** “Podemos aprofundar o conceito de ascese, entendido como trabalho da inteligência e da vontade? Como esse trabalho sustenta a certeza de que Cristo salva a minha circunstância? Como a companhia apoia esse trabalho pessoal de ascese?”.

**Carrón.** O trabalho de ascese é julgar, nos disse Dom Giussani. O único modo de começar a fazer experiência da libertação é julgar. Se nós não julgarmos, permaneceremos na confusão, cada vez mais enrolados. A vida é esse contínuo juízo sobre tudo o que acontece. Cabe a nós decidir sobre participar ou não dessa aventura que nos é oferecida por Dom Giussani, porque do contrário somente repetimos frases dele, mas sem entendê-las, e com o tempo isso acaba nos irritando, porque não muda nada na vida, porque é como se a gente não pudesse aprender mais nada da vida.

O trabalho de ascese é essa comparação constante entre aquilo que eu tenho na mente, as minhas imagens, o que eu penso que seja a vida, o que penso que me faz feliz, e aquilo que realmente me deixa feliz. E isso eu preciso explicar de novo ou vocês mesmos são capazes de reconhecê-lo? Colocar isso em ação é a decisão da vida. A nossa vida, o pertencer ao Movimento, significa participar dessa aventura. Do contrário, o carisma estará morto e sepultado – entendem? –, para além do fato de que somos aqui 26 mil, porque aquilo que Dom Giussani nos comunicou como experiência, como caminho humano, nós não o fazemos. E essa é a grande decisão que precisamos tomar no final dos Exercícios: estamos dispostos ou não a fazer esse trabalho, a participar dessa aventura do conhecimento (de modo a poder começar a distinguir o branco do preto)? Porque o mais difícil para nós é esse juízo. E como não julgamos, pedimos a um outro que resolva as questões para nós.

Como a companhia nos sustenta? Se, em vez de explicar, nos desafia. O que Jesus fez com os discípulos? Por acaso poupou-os do trabalho de julgar? Desde o primeiro instante: “Vinde e vede, julgai vós mesmos”. Não perdeu nem um minuto com explicações: “Vinde e vede, julgai vós mesmos”. Jesus parte do pressuposto de que eles não são idiotas ao ponto de não compreender se aquilo que

veem corresponde ou não ao ser deles. E quando – no episódio que lembramos tantas vezes – todos O abandonam, Jesus de novo não os poupa: “Vós também quereis ir embora?” Não diz, quando fica sozinho com os discípulos: “Pelo menos vós permaneci, por favor, não me deixeis só!”. Corre o risco de ficar sozinho, mas não os dispensa de julgar: “Vós também quereis ir embora?”. Dizendo isso ele estaria incentivando os discípulos a irem embora? Não, Ele os está ajudando a fazer aquele trabalho de ascese: porque sem essa pergunta de Jesus os discípulos poderiam até ficar, mas formalmente, sem compreender. Ao desafiá-los, o que Jesus faz? Leva-os a tomar consciência da experiência que estão fazendo, e faz brotar do íntimo da experiência deles o porquê precisam ficar: “Se nós O deixarmos, para onde iremos?”.

Essa consciência emergiu graças a Alguém que é verdadeiramente um amigo: não ficou explicando, desafiou-os e, assim, eles adquiriram uma consciência e uma certeza que antes não tinham. Entre nós, somos amigos assim, ou não? Do contrário, estaremos brincando, porque a amizade é um desafio constante ao relacionamento com o Mistério. Isso é impressionante em Dom Giussani, porque ele é o único que leva a sério todos os fatores daquilo que o Mistério nos deu (esse coração que julga tudo), nos coloca nas melhores condições frente ao desafio de Jesus aos discípulos: “Vocês também querem ir embora? Eu preciso explicar o que represento para vocês? O que vocês aprenderam com a própria experiência? O que vocês conheceram?”. Assim, desenvolveu-se nos discípulos a consciência da razão para permanecer. Nós não continuaremos sendo cristãos, a nossa fé terá um prazo de validade – garanto isso – se nós não fizermos esse trabalho, porque não saberemos por que permanecer aqui, e quando mudarmos de humor pensaremos que talvez seja melhor trocar de lado. Sem esse trabalho de ascese, não entendemos a razão última para ficarmos aqui.

**Prosperi.** “Você disse que não falta Cristo, mas falta o humano. Parece até que o humano é uma pré-condição para se reconhecer Cristo como resposta às próprias exigências do coração, mas a partir da minha experiência percebo que a minha humanidade floresceu no encontro com Cristo e que antes era muito mais travada e incapaz de identificar as minhas exigências originais. Você poderia explicar essa relação entre Cristo e o humano?”.

**Carrón.** Para poder reconhecer Cristo, para poder reconhecer a diversidade de Cristo, é preciso também o humano<sup>85</sup>. E o humano, todos nós o temos. Ninguém pode dizer que não tem o humano, pois isso significaria que não é uma pessoa. Em suma: paremos de dizer que não o temos! O humano, todos o temos – podemos usá-lo ou não, isso é um outro problema –, e por isso podemos encontrar Aquele que nos corresponde. Se cada um de nós pensa na razão pela qual está aqui, vê que pelo menos entreviu, de algum modo, que no encontro com certas pessoas havia uma esperança para si: que a vida podia ser melhor, mais bela, vivida de um modo mais humano. Essa condição existe porque Deus, que decidiu fazer-nos partícipes da felicidade enviando o Seu Filho, nos constituiu com esse coração para que nós pudéssemos reconhecer-Lo quando nos encontrássemos com Ele. Estava tudo no desígnio de Deus: nos fez para Ele, para aquela plenitude que só Ele pode nos dar. É o que afirma a primeira página da Bíblia: criou-nos à Sua imagem, isto é, nos fez para Ele. Naquele Jardim já estava toda a estrutura do eu: nos fez para uma convivência com Ele, para encontrar a felicidade na relação com Ele. Segundo toda a tradição cristã, o nosso eu é esse desejo de beleza, de plenitude, que encontra a sua realização no Único que lhe corresponde. Por isso, enquanto não O encontrarmos, nosso coração estará inquieto. Então, sim, o humano – diz Dom Giussani, evitando muitos raciocínios – é necessário para se reconhecer Cristo, porque é essa comparação que a pessoa faz entre a exigência de beleza que carrega dentro de si e aquilo que encontra.

E é verdade o que diz a segunda parte da pergunta: o encontro com Cristo faz florescer o humano. Faz florescer o humano porque me torna consciente do que eu desejo, me desperta. Por isso tanta gente se irrita depois com o Movimento: “Despertou o meu humano e depois não me realiza”. Mas despertou de fato? Se despertou, somos mais nós mesmos, mais humanos e, portanto, mais capazes de captar a correspondência. Por isso, quanto mais a pessoa vive a experiência cristã, quanto mais vive esse relacionamento com Cristo, mais emerge toda a amplitude do dese-

<sup>85</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2003, p. 11: “Ao abordar o tema da hipótese de uma revelação e, em particular, da revelação cristã, nada importa mais do que perguntar-se qual a situação real do homem. Não seria possível dar-se conta plenamente do que signifique Jesus Cristo sem antes nos darmos conta da natureza daquele dinamismo que faz com que o homem seja aquilo que é. Com efeito, Cristo se propõe como resposta àquilo que ‘eu’ sou, e apenas uma tomada de consciência atenta, mas também terna e apaixonada, de mim mesmo pode fazer com que eu me escancare e me disponha a reconhecer, admirar, agradecer, e vivenciar Cristo. Sem essa consciência, até o nome de Jesus Cristo não passa de um simples nome”.

jo. Não é que elimina o desejo, mas como é Aquele que me atrai mais, me satisfaz mais, me torna mais feliz, então se manifesta toda a amplitude do meu desejo. Por isso me admira que depois se diga que qualquer coisa me corresponde. Esse florescimento do eu – como veem – é a condição para se reconhecer Cristo. Por isso tenho necessidade de encontrá-Lo toda manhã. O que seria do dia em que – depois de tê-Lo encontrado – eu não pudesse mais fazer memória d’Ele? O que seria da minha manhã se eu não pudesse dizer Tu a Cristo? Como para quem se apaixona, o que seria uma manhã sem ter ao lado a pessoa que ama? Como para a criança sem encontrar o rosto da sua mãe? O que seria a vida?

Então, a memória de Cristo não é um peso a mais que se acrescenta (“Argh! Também preciso fazer memória de Cristo!”). E eu pergunto: mas como você consegue viver sem fazer memória d’Ele? Como consegue olhar para si mesmo, ter afeição por si mesmo, sem fazer memória de Cristo, depois de tê-Lo encontrado e visto que é o único que pode plenificar a vida, é o único que verdadeiramente corresponde à exigência de felicidade, de companhia, que você carrega dentro de si? Como consegue? Como você pode viver sem fazer silêncio? Porque o silêncio, para nós, nasce do Acontecimento, porque a gente fica sem palavras ao constatar essa correspondência: Mas quem és Tu, Cristo, que é capaz de preencher a vida assim? Tudo se enche de silêncio, a Tua presença me enche de silêncio. Ficamos sem palavras, como quando se vê diante de uma experiência de beleza, de plenitude, de gratuidade, que toca tanto ao ponto de nos deixar sem palavras. Esse é o silêncio. O silêncio cristão nasce da Presença, da plenitude da Presença: não tenho nada mais a fazer se não o silêncio, para não perdê-Lo. Se nós não sentimos necessidade desse silêncio, não é porque não somos bons “cielinos”: é porque não aconteceu e não acontece nada que nos encha de silêncio. Não é uma série de preceitos: nasce tudo como expressão do Acontecimento, que preenche a vida de silêncio.

**Prosperi.** Você disse que a forma da resposta ao nosso desejo é o próprio Cristo. “Quando alguém está mal no trabalho e deseja outro melhor, ou deseja encontrar uma mulher para formar uma família, ou dois esposos desejam um filho, o que significa dizer que a forma da resposta ao nosso desejo é o próprio Cristo? Cristo é a consistência da minha vida, mas o que significa que é a forma do meu desejo?”

**Carrón.** O que verdadeiramente eu desejo é Ele! Nós muitas vezes confundimos os nossos desejos parciais com o desejo último do coração,



tanto é verdade que ter só o trabalho não basta, não basta casar, não basta ter filhos, não basta! Por quê? Porque aquilo que desejamos – como diz Leopardi – é uma coisa maior. Essa é a nossa grandeza, e nós procuramos sempre reduzir a nossa grandeza, porque a nossa grandeza é a grandeza do nosso desejo. A verdadeira grandeza do homem, o verdadeiro mistério do homem, o verdadeiro paradoxo do homem é que, sendo limitado, deseja o infinito. É isso que não entendemos, amigos. E se não entendemos que aquilo que desejamos é o infinito, digam-me: por que deveríamos ser cristãos, por que deveríamos perder tempo estando aqui? Se nós não fazemos a experiência de que a razão pela qual o Mistério nos fez é para nos encher de uma felicidade absolutamente maior do que as nossas previsões, por que valeria a pena sermos cristãos?

É legítimo ter todos esses desejos parciais, mas o único que verdadeiramente realiza o desejo constitutivo de infinito é Ele. Por isso, a forma da resposta ao nosso desejo é Cristo. Se não, o que significa para nós o encontro com Cristo? Não teríamos entendido o alcance do encontro com Cristo, e por isso não estaria clara para nós a razoabilidade da nossa adesão de fé. Por isso falo de prazo de validade se alguém não entende qual é o verdadeiro problema para o qual Dom Giussani nos educou ao citar Cesare Pavese: o que buscamos nos prazeres é o infinito, e ninguém jamais poderá deixar de buscar essa infinitude. Essa é a nossa experiência: que possamos ter tudo o que quisermos, mas isso não nos basta, e cada vez mais percebemos que não nos basta. Por que podemos dizer que não nos basta? Porque é tão objetivo o critério que trazemos dentro de nós que fica evidente que aquilo que desejamos é maior do que o que conseguimos obter. Esse é o paradoxo: nosso coração é esse desejo, mas nós somos limitados e tudo o que fazemos é pouco, limitado, incapaz de satisfazer esse desejo de infinito. Assim, ou temos Cristo (Alguém que vem de fora e preenche o coração) ou podemos começar a chorar, porque o que desejamos não existe. Eis porque só pode festejar Cristo quem entende a natureza infinita do desejo. Gente como Leopardi, como Santo Agostinho, como a Samaritana.

Enquanto não nos dermos conta disso, não poderemos entender o alcance da graça que recebemos ao encontrarmos Cristo; temos que ficar maravilhados com o fato de Alguém ter sentido piedade do nosso nada e ter decidido ofertar-nos essa graça, absolutamente inesperada, que nenhum de nós merece e que tantos homens procuram às apalpadelas. Nós recebemos a graça, mas muitas vezes é como se não a tivéssemos recebido, porque vivemos na confusão, pensando que qualquer outra coisa pode responder à natureza, à profundidade, à dimensão desse desejo.

Quando digo que falta o desejo na vida digo que nós não entendemos qual é a natureza do nosso desejo. O que nos falta é o Mistério.

Isso nos torna conscientes de que ou fazemos esse trabalho, essa ascese, ou não conseguiremos ser felizes (mesmo conseguindo adquirir tudo o que os outros conseguem), e sobretudo não entenderemos direito e não seremos tomados pela alegria pelo fato de Cristo existir. E pelo fato de termos encontrado Dom Giussani.

**Prosperi.** “Queremos entender melhor a passagem que diz que a gente segue não a pessoa, mas a experiência da pessoa, e como isso não se tornará um último álibi para, de todo modo, aplicar a própria medida. Por exemplo, se a gente segue a pessoa e esta nos desilude ou nos trai, normalmente nasce a objeção sobre a experiência”.

**Carrón.** Precisamos confrontar com o que vivemos. Dom Giussani nos comunicou a experiência que ele próprio fez, e esta continua sendo verdadeira, mesmo que amanhã eu a traia. Isso é verdadeiro e será sempre verdadeiro, porque o que define a correspondência (ou não) não é o que digo ou o que diz Dom Giussani, mas o que cada um de nós prova na própria experiência, quando a julga. Por isso, você segue a experiência do outro, que a comunica como pode, às apalpadelas. Não seguimos a pessoa por um personalismo, porque o chefe disse. Isso não é humano, não é humano! Mas se ele nos está comunicando uma experiência que está fazendo e estamos interessados em aprender, segui-lo coincide com o seguir a experiência que ele faz, de modo que ela se torne também nossa. E permanecerá nossa, mesmo que ele a traia depois. Eu não quero que repitamos as frases de Dom Giussani (ou as minhas), mas que seja nossa essa experiência, que se torne nossa, porque quando queremos algo, queremos que se torne nosso, como nós desejávamos que aquilo que o professor de matemática ensinava se tornasse nosso. Vocês não desejam isso?

É o que diz Dom Giussani, ao explicar a obediência: seguir até que, a certa altura, a pessoa siga a si mesma, tocada pela experiência que um outro fez, porque é assim “um” consigo mesma, eis que no final segue a si mesma, tocada pela experiência de um outro. Se não fizermos assim, continuaremos a repetir as frases de Dom Giussani, mas não faremos a experiência que ele faz. Nós seguimos a experiência feita pelo outro. E isso não quer dizer que, então, nos fixaremos na nossa medida, porque se alguém se fixa na própria medida é porque quer, mesmo indo contra o que emerge com clareza da experiência

que faz. Se depois quiser justificá-lo com as suas objeções os erros dos outros, é um problema todo seu.

**Prosperi.** “Se o cristianismo é o Acontecimento, que sentido tem empenhar-nos na defesa dos valores cristãos?”.

**Carrón.** Esse é o terceiro ponto da segunda palestra, sobre o qual quero me deter um pouco, para aprofundá-lo: a questão da cultura. Parece-me que agora, depois da trajetória deste ano, podemos entender um pouco melhor o que está em jogo.

Tomemos, por exemplo, o caso da experiência que vivemos em relação ao caso de Eluana. O que nós fazemos muitas vezes? Uma coisa justíssima, de um certo ponto de vista: defender o valor da vida. Mas eu lhes pergunto sinceramente: se alguém de nós estivesse naquela situação, lhe teria bastado defender a vida? Nós teríamos podido estar diante de uma situação como aquela somente com a defesa do valor da vida? Digam-me!

Vejam, amigos: o que Dom Giussani fez conosco para defender a vida? Afirmou, sim, a importância da vida, a importância do homem e da pessoa. Mas para nos fazer entender isso – digo-o sinteticamente – nos comunicou uma febre de vida. Cristo, para nos explicar o que é a vida, qual o valor do homem, fez-se carne, tornou-se homem! Os princípios e os valores tornaram-se carne e sangue, como o Papa continua a insistir. Mas muitas vezes nós, não tendo entendido que os princípios e os valores nós os compreendemos graças ao encontro que fizemos com Cristo, no Movimento, que encheu nossa vida de significado, mudamos de método. Uma coisa é o método que o Mistério usou conosco para nos fazer entender (e que nós experimentamos no encontro); outra coisa é o método que nós queremos aplicar aos outros. Então, não entendemos o alcance cognoscitivo do encontro, isto é, que em nós o amor à vida vem do encontro que aconteceu!

É o que Romano Guardini disse muito bem em seu *O fim da época moderna*: “Desde o início do tempo moderno vem sendo elaborada uma cultura não-cristã. Por longo tempo, a negação se voltou apenas contra o conteúdo da Revelação; não contra os valores éticos, individuais ou sociais, que se desenvolveram sob a sua influência [por muito tempo defenderam-se os valores, mesmo que as pessoas não fossem cristãs]. Aliás, a cultura moderna pretendeu se apoiar precisamente sobre esses valores”. Os iluministas não queriam abolir os valores cristãos, tinham compreendido que eram uma consequência da maior coisa que aconte-

cera na história, mas não queriam seguir a Igreja, não queriam continuar a reconhecer Cristo como decisivo para a vida. Então, defendiam os frutos que Cristo trouxe, separando-os de sua origem; quiseram fazer um cristianismo sem Cristo, defendendo os valores cristãos e prescindindo da sua fonte, da fonte desses valores. “Na verdade, esses valores [...] estão ligados à Revelação”, e nós o entendemos muito bem, porque estaríamos pensando como todos se não tivéssemos encontrado o Movimento.

O que teríamos dito sobre o caso de Eluana se não tivéssemos encontrado o Movimento? Claro, diríamos o que todos dizem! “Assim se liberam no homem forças que são, por si, *naturais* [nós podemos alcançar quase que naturalmente o reconhecimento desses valores], mas que não se desenvolveriam fora daquela economia [do cristianismo]. O homem se torna consciente de valores que por si são evidentes, mas só se tornam visíveis naquela atmosfera”. Se nós não entendemos isso, que são por si mesmo evidentes, mas que só podemos entendê-los no interior daquela atmosfera do encontro cristão, depois procuramos martelar os outros com os valores, pensando que assim eles os entenderão. E depois nos lamentamos perguntando por que eles não entendem. Nós também não os entenderíamos assim! Não é que Jesus se fez carne por engano! Não, tornou-se carne porque sem isso nós não teríamos entendido. Não é que não sejam verdadeiros valores, mas é que a estrada para acolhê-los, para entendê-los, para ver a sua humanidade, nós só a encontramos ao reconhecermos o Cristo. Guardini anota, referindo-se a décadas atrás (imaginem se vivesse hoje...), que “se revelou um vazio que existia já há muito tempo. [...] O tempo que virá criará aqui uma clareza terrível, mas salutar. Nenhum cristão pode alegrar-se com o advento de uma radical negação do cristianismo [...] Mas é bom que se ponha a nu essa deslealdade [operada pela cultura moderna: querer defender os valores em Cristo; hoje em dia, nem os valores, como vimos]. Pois então se verá qual é efetivamente a realidade, quando o homem se afastar da Revelação, e vierem a cessar os seus frutos<sup>86</sup>”. Agora já estamos vendo isso claramente, agora que começaram a desaparecer os frutos. O que ninguém podia imaginar – que se chegaria a negar a vida e as coisas mais evidentes – nós o temos diante de nós (de fato, para nós ficam evidentes, pois nossa razão foi educada no seio da Igreja). As ambiguidades desaparecem e nos levam a uma purificação e a um aprofundamento da fé. Nós devemos estar conscientes disso, porque cada vez mais teremos a

<sup>86</sup> R. Guardini, *La fine dell'epoca moderna*, Morcelliana, Bréscia 1993, pp. 98-101.

sensação de viver sem pátria, não sermos compreendidos. Então, qual é o modo de resistir ao perigo? Guardini nos indica duas condições: “a maturidade do juízo e a liberdade de opção”. Sem isso, aos poucos nos igualaremos a todos.

Dom Giussani estava bem consciente dessa situação quando criou o Movimento, porque percebeu que esse processo já havia começado, em 1954, quando tudo parecia florido; e criou um âmbito no qual pudéssemos redescobrir os valores através da descoberta da fé. Então nós não devemos defender abstratamente os valores, mas devemos fazer o Movimento, como fez Dom Giussani conosco: e isso se chama testemunho.

Se não fizermos assim, não seremos leais com a modalidade com a qual o Mistério nos introduziu em Si. Por isso cria-se o dualismo na cultura, em nossa expressão cultural. Ao invés, Dom Giussani dizia da cultura que “a linha educativa do Movimento tende a despertar um acontecimento de vida”. É somente no interior desse acontecimento de vida que podemos comunicar os valores. Não é que não devamos defender os valores, mas devemos entender que somente um acontecimento de vida que pode despertá-los em nós e nos outros. “Para que a vida desperte é necessária a abolição de todo dualismo. [...] O que destrói o dualismo é o juízo de que o amor de Cristo é a razão pela qual vale a pena viver [entendem? essa é a nossa verdadeira expressão cultural]. Se vier a faltar a fé como valor adequadamente unitário, emergem juízos de valor parciais, e isso divide [...] Se for destruído o dualismo acontecerá uma real presença cultural [uma diversidade visível e pública]”<sup>87</sup>.

Essa é a questão fundamental que precisamos entender. Portanto, como disse o cardeal Angelo Scola em um artigo no *Avvenire*<sup>88</sup>, a estrada é propor o acontecimento cristão em toda a sua inteireza e irreduzibilidade, bem como a explicitar também os aspectos, as implicações, os valores.

Por isso nos interessam tanto as eleições europeias, levando-se em conta que em tantas leis que se fazem hoje, no âmbito europeu, o primeiro alvo é a Igreja. Por isso, defender na Europa a *libertas Ecclesiae* é a razão do nosso interesse pelas eleições. Não porque pensemos que uma lei justa possa resolver sozinha o problema humano – vimos que

<sup>87</sup> L. Giussani, “Comunità cristiana e cultura”, in *CL-Litterae Communionis*, n. 6, junho de 1977, p. 9

<sup>88</sup> Cf. A. Scola, “Altro che egemonia mondiale. Offerta di una speranza da investire quaggiù”, in *Avvenire*, 20 de fevereiro de 2009, p. 2.

partimos de leis justas sobre a família, sobre a vida, e isso não impediu a destruição que vemos diante dos nossos olhos –; se podemos fazer as leis, tanto melhor, mas antes de tudo devemos defender a *libertas Ecclesiae*, para poder continuar a fazer uma experiência de vida que nos permita recuperar a evidência dos valores que agora vão sendo perdidos. E para isso precisamos, também na Europa, de testemunhas que possam ajudar as pessoas a entender isso. O que está em jogo não é algo secundário. Está em jogo a possibilidade de viver, para que a instituição não sufoque a experiência que fazemos. E esta nós devemos defender a qualquer custo.

## SANTA MISSA

### HOMILIA DE PADRE PINO

Nestes dias, nesta hora, está acontecendo a mesma experiência desta página do Evangelho de Lucas. Quem nos introduz na verdade, na totalidade do real? O que está diante dos nossos olhos, que ouvimos todo dia, é o evento da Sua presença, física, real, concreta, na carne.

O Senhor, em Sua ternura, não se espanta com a nossa incredulidade, não se espanta com essa falta de humanidade, pela qual pensamos que Ele é um fantasma, mesmo quando está diante dos nossos olhos, não se assusta com o fato ficarmos bloqueados em nossa instintividade, na confusão, no medo.

A força de Cristo presente, presente fisicamente hoje, nos faz percorrer toda a estrada do conhecimento: “Olhai minhas mãos, olhai meus pés, olhai os fatos, olhai os sinais. Dai-me de comer” (cf. *Lc* 24,36-42). É na Sua presença que toda a história, toda a profecia, toma corpo, substância, realidade que se pode tocar, ver, seguir.

Sem a graça dessa história, sem a diversidade humana que aconteceu e está acontecendo diante dos nossos olhos, para nós Cristo seria um fantasma e a última palavra seria a incerteza frente à realidade e o medo em relação ao futuro. O grande trabalho é essa simplicidade que se deixa atrair pela força da Sua presença, da Sua ternura, a que nada pode resistir.

Acontece conosco a mesma realidade que tocou os Onze, não “como” aconteceu naquela sala dois mil anos atrás, mas “o que” aconteceu, é isso que está acontecendo conosco, é um fato. E Cristo diz a nós o que disse aos Onze. Aí está toda a verdade, o sentido e a responsabilidade da nossa vida: “Disso vós sois testemunhas” (*Lc* 24,48).

## MENSAGENS RECEBIDAS

Por ocasião Exercícios Espirituais Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre tema “Da fé, o método”, Sumo Pontífice dirige aos numerosos participantes cordial saudação com garantia Sua espiritual companhia, e ao mesmo tempo augura que providencial encontro suscite renovada fidelidade a Cristo, para sempre maior empenho na obra de evangelização, invoca larga efusão favores celestes e de coração envia ao senhor e aos responsáveis Fraternidade e aos participantes especial bênção apostólica.

*S.E.R.. Cardeal Tarcisio Bertone,  
Secretário de Estado de Sua Santidade*

Caríssimos, a renovação do belo gesto dos Exercícios Espirituais aperta os laços da intensa comunhão que nos liga.

A *fé como método* traduz a entusiasmante afirmação de Jesus: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*”. Agostinho agudamente a reescreve dizendo que Jesus é o caminho *para* a verdade e *para* a vida.

O quanto é importante caminhar unidos por essa vida (método) foi ensinado com vigor pelo caríssimo Dom Giussani. Sua constante atenção para o método é, sem dúvida, constitutiva do fecundo carisma que o Espírito lhe doou.

Que a fé se torne método de vida é uma responsabilidade para cada um de nós e para todas as comunidades de “Comunhão e Libertação”.

Asseguro-vos a minha prece para que, também neste ano, o dom da conversão aconteça em vós, pela força do Espírito. De modo que possais ser *oferta viva* a todos os nossos irmãos homens, através de uma pertença consciente à Santa Mãe Igreja.

No Senhor saúdo-vos e vos abençoo,

*S.E.R.. Cardeal Angelo Scola,  
Patriarca de Veneza*



Caríssimo padre Julián,  
desejo dirigir minha saudação a todos os amigos da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos para os Exercícios Espirituais de Rímíni.

Esses são dias de graça não apenas para o Movimento, mas para toda a Igreja e para o mundo inteiro. Sentimos muito bem isso, nós que vivemos na missão da Igreja.

Num encontro dos sacerdotes da Fraternidade da América Latina, Cleuza nos agradecia pelo nosso *sim* durante todos esses anos, porque permitiu o seu *sim* e o encontro que mudou a sua vida. Por outro lado, o seu *sim* nos está ajudando a viver com verdade o carisma de Dom Giusani e a seguir agora o caminho que você, Julián, nos está indicando.

Que esses Exercícios sejam um momento de crescimento no encontro que dá satisfação à nossa vida e suscita o desejo de comunicar a todos a beleza de tudo o que aconteceu.

Um cordial abraço,

*S.E.R.. Dom Filippo Santoro,  
Bispo de Petrópolis*

## TELEGRAMAS ENVIADOS

*À Sua Santidade*  
*Bento XVI*

Santidade, mais de 26 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rimini e outros conectados via satélite de 63 nações do mundo, viveram os anuais Exercícios Espirituais, que tiraram o tema de um ensinamento de Dom Giussani: “Da fé, o método”. Aprofundamos a consciência de que, frente à situação atual – de crise em todos os níveis –, precisamos encontrar uma diversidade humana, na qual o acontecimento de Cristo ressuscitado se torne contemporâneo, como resposta à exigência do nosso coração, porque esse é o método da fé, como o Senhor disse recentemente com palavras admiráveis: “No mistério da encarnação do Verbo, no fato de que Deus se fez homem como nós, está tanto o conteúdo quanto o método do anúncio cristão”.

Seguros de que só a fidelidade a esse método escolhido por Deus pode nos tornar testemunhas, diante de todos, da novidade cristã, frente à crise gerada pela fratura entre a razão e a fé, confiamos a Nossa Senhora as Suas próximas viagens apostólicas ao Abruzzo e ao Oriente Médio, desejosos de ser cada vez mais colaboradores ativos da Sua paixão pelo homem e por Cristo, que desafia o mundo como misericórdia que nos salva do descaminho.

Pe. Julián Carrón

*S.E.R.. Cardeal Tarcisio Bertone*  
*Secretário de Estado*

Eminência Reverendíssima, mais de 26 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, e outros conectados via satélite de 63 nações, viveram os anuais Exercícios Espirituais sobre o tema “Da fé, o método”. O telegrama enviado em nome do Santo Padre encontra os membros da Fraternidade mais seguros e alegres de poder servir Pedro no testemunho aos irmãos homens da nova humanidade que nasce da fé.

Maria indique a estrada do Seu serviço à Igreja como paixão para mostrar o alcance de Cristo para a aventura humana.

Pe. Julián Carrón

*S.E.R.. Cardeal Angelo Bagnasco  
Presidente Conferência Episcopal Italiana*

Eminência Reverendíssima, mais de 26 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, e outros conectados via satélite de 63 nações, viveram os anuais Exercícios Espirituais sobre o tema “Da fé, o método”. Agora mais certos de que Cristo venceu e permanece no meio de nós, oferecem as suas melhores energias para que a Igreja viva na Itália como humanidade nova que cumpre as exigências constitutivas do coração.

Nossa Senhora fecunde o Seu sacrifício pela vida do povo cristão em nosso país.

Pe. Julián Carrón

*S.E.R.. Dom Josef Clemens  
Secretário do Pontifício do Conselho para os Leigos*

Excelência Reverendíssima, mais de 26 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, e outros conectados via satélite de 63 nações, viveram os anuais Exercícios Espirituais sobre o tema “Da fé, o método”. Uma referência segura das meditações foi o magistério de Bento XVI, que continua a testemunhar que em Cristo conteúdo e método do anúncio cristão coincidem.

Como *christifideles laici*, seguimos o Santo Padre, que nos convida a mostrar ao mundo o alcance da fé na vida dos batizados.

Pe. Julián Carrón

*S.E.R. Cardeal Angelo Scola  
Patriarca de Veneza*

Eminência caríssima, a carta que nos enviou nos encontra mais conscientes de que a nossa fragilidade encontrou misericórdia aos olhos do Pai, que através do carisma chega até nós como um caminho a seguir,

a fim de que as exigências constitutivas do nosso coração encontrem aquela resposta pela qual todos possam ver – e nós em primeiro lugar – a dimensão cognoscitiva da fé, sobretudo quando, como hoje, a realidade desafia mais a esperança dos homens.

Maria lhe dê o que Seu coração deseja.

Pe. Julián Carrón

*S.E.R.. Dom Filippo Santoro*

*Bispo de Petrópolis*

Caríssima Excelência, também nós continuamos a seguir o que o Senhor está fazendo acontecer diante dos nossos olhos com Cleuza e Marcos, desafiados pelo seu testemunho a conhecer com eles a mesma fé. Rezemos mutuamente para permanecermos fiéis ao método que o Senhor escolheu para nós, ao nos fazer encontrar Dom Giussani.

Pe. Julián Carrón

## A ARTE EM NOSSA COMPANHIA

*Sandro Chierici (org.)*

*(Guia de leitura das imagens retiradas da História da Arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica à entrada e à saída)*

Partindo da Criação, o percurso apresenta na primeira parte algumas figuras que no Antigo Testamento vivem a fé como obediência aos sinais que Deus mostra: Noé, Abraão, Isaac, Jacob, até José.

Com a encarnação de Cristo, a fé torna-se testemunho duma experiência concreta, de um encontro, de libertação do mal, de perdão, de misericórdia, de vitória sobre a morte, de glória. Esta experiência gera uma afeição do homem a Cristo, à qual Cristo responde com uma afeição ainda maior. Paulo é o homem novo conquistado por Cristo e pelo batismo tornado nova criatura, que no abraço com Pedro dá forma plena à Igreja e possibilita que cada um de nós realize o encontro com Cristo hoje.

*Todas as imagens são retiradas dos ciclos de mosaico da Basílica de Monreale, na Itália.*

- 01 – Criação do céu e da terra
- 02 – Criação da luz e das trevas
- 03 – Criação das águas
- 04 – Separação da terra das águas
- 05 – Criação dos astros
- 06 – Criação dos animais
- 07 – Criação de Adão
- 08 – Adão conduzido ao Éden
- 09 – Criação de Eva
- 10 – Eva apresentada a Adão
- 11 – Deus ordena a Noé que construa a arca
- 12 – Construção da arca
- 13 – Entrada dos animais na arca
- 14 – O Dilúvio universal
- 15 – Saída dos animais da arca
- 16 – Aliança de Deus com Noé

- 17 – Visita dos três anjos a Abraão
- 18 – Hospitalidade de Abraão
- 19 – Deus ordena a Abraão que sacrifique Isaac
- 20 – O sacrifício de Isaac
- 21 – Encontro de Isaac e Rebeca no poço
- 22 – A viagem de Isaac e Rebeca
- 23 – Isaac abençoa Jacob
- 24 – O sonho de Jacob
- 25 – A luta de Jacob com o Anjo
- 26 – A Anunciação
- 27 – A Visitação
- 28 – A Natividade
- 29 – A Adoração dos Magos
- 30 – O sonho de José
- 31 – A fuga para o Egito
- 32 – Apresentação no templo
- 33 – Jesus entre os doutores
- 34 – O batismo de Jesus
- 35 – Cura do leproso
- 36 – Cura da mão paralisada
- 37 – Cura da hemorrágica
- 38 – Cura da sogra de Pedro
- 39 – Cura da mulher curvada
- 40 – Cura do hidrópico
- 41 – Cura dos dez leprosos
- 42 – Cura dos dois cegos
- 43 – Cura do paralítico
- 44 – Cura dos coxos e dos cegos
- 45 – Cura de um paralítico
- 46 – Cristo e a samaritana
- 47 – A multiplicação dos pães e dos peixes
- 48 – Ressurreição do filho da viúva de Naim
- 49 – Ressurreição da filha de Jairo
- 50 – Ressurreição de Lázaro
- 51 – A Transfiguração
- 52 – Madalena lava os pés a Cristo
- 53 – A última ceia
- 54 – Jesus diante de Pilatos
- 55 – A Crucifixão
- 56 – A Descida aos infernos

- 57 – As mulheres no sepulcro
- 58 – Noli me tangere
- 59 – O encontro com os discípulos de Emaús
- 60 – A ceia em Emaús
- 61 – “Não nos ardia o coração?”
- 62 – A incredulidade de Tomás
- 63 – O Pentecostes
- 64 – Conversão de Paulo
- 65 – Batismo de Paulo
- 66 – Paulo foge de Damasco
- 67 – Entrega das cartas a Timóteo e Tito
- 68 – Encontro de Pedro e Paulo

## Índice

---

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE BENTO XVI 3

### ***Sexta-feira 24 de abril, noite***

INTRODUÇÃO 4

SANTA MISSA — *HOMILIA DO PADRE MICHELE BERCHI* 12

### ***Sábado 25 de abril, manhã***

PRIMEIRA MEDITAÇÃO — ***“Nós cremos e sabemos  
que Tu és o Santo de Deus” (Jo 6,69)*** 13

SANTA MISSA — *HOMILIA DO S.E.R. CARDEAL STANISLAW RYLKO* 30

### ***Sábado 25 de abril, tarde***

SEGUNDA MEDITAÇÃO — ***A contemporaneidade de Cristo*** 36

### ***Domingo 26 de abril, manhã***

ASSEMBLEIA 51

SANTA MISSA — *HOMILIA DO PADRE PINO* 69

MENSAGENS RECEBIDAS 70

TELEGRAMAS ENVIADOS 72

A ARTE EM NOSSA COMPANHIA 75

---

Suplemento da revista *Passos - Litterae Communionis*, nº106, julho de 2009

Uma publicação da Sociedade Litterae Communionis

Jornalista Responsável: Isabella Santana Alberto - MTB 56.802

Rua Félix Guilhem, 275 – Lapa de baixo

São Paulo, SP - 05069-000

Tel: (11) 3871.1352 - [passos.cl@uol.com.br](mailto:passos.cl@uol.com.br)

[www.passos-cl.com.br](http://www.passos-cl.com.br)

Diagramação: Ultreya, Milão





